



O *Methodo Facilimo e Experimental, Para curar a maligna enfermidade do cancro*: um caso de literatura médico-cirúrgica portuguesa de meados do século XVIII

Rui Manuel Pinto Costa

Investigador colaborador
do Centro de Estudos
Interdisciplinares do
Século XX (CEIS20) -
Universidade de Coimbra

Investigador integrado do
Centro de Investigação
Transdisciplinar «Cultura,
Espaço e Memória»
(CITCEM), Faculdade de
Letras - Universidade do
Porto

rcosta75@gmail.com

Resumo

Com este artigo pretende-se mostrar aquela que parece ser a primeira obra escrita em português exclusivamente dedicada ao cancro. Sendo a tradução de uma obra francesa originalmente do século XVII, é possível detetar o status quo da prática cirúrgica relativa ao cancro da mama em meados do século XVIII, refletindo ainda sobre o conhecimento médico-cirúrgico da época. No final, apresenta-se o documento transcrito na totalidade.

Palavras-chave

Cancro, Portugal, literatura médica, tradução, século XVIII.

The *Methodo Facilimo e Experimental, Para curar a maligna enfermidade do cancro*: a case of portuguese surgical literature in the mid-XVIIIth century

Abstract

This article intends to show and analyze what seems to be the first surgical treaty about cancer written in Portuguese language. Although the translation of a seventeen-century French text, it is possible to detect the status quo of breast cancer surgery of the time. In the end, one presents the full transcription of the document.

Keywords

Cancer, Portugal, medical literature, translation, 18th century.

Recepção: Oct. 2011.
Aprovado para
publicação: Dic. 2011.

1. Traduções e tradutores de obras médicas e cirúrgicas

A “história do livro médico”, corrente historiográfica considerada absolutamente necessária à compreensão da circulação e transmissão de saberes médico-cirúrgicos, tem vindo a receber um novo impulso através de novas abordagens e estudos detalhados sobre o papel central que os livros desempenham na reconstrução do conhecimento dos praticantes das artes de curar ao longo da História. Em Portugal, esta tendência produziu ainda poucos resultados, mas o facto de terem vindo a surgir alguns trabalhos de relevo em redor da produção de livros médicos (Costa & Cardoso, 2011), é um indicador do enorme potencial de informação que os historiadores reconhecem ainda existir em muitos textos pouco estudados. Esclarecem-se contextos de produção, identificam-se as intenções dos autores, descortinam-se relações e teias de transmissão de saberes, procura-se avaliar o grau de impacto junto do público-alvo.

É precisamente sobre uma dessas obras ainda inexploradas que se debruça este artigo. Ao folhear o exemplar existente na Biblioteca Nacional de Portugal do *Methodo Facilimo e Experimental, para curar a maligna enfermidade do cancro* (Nóbrega, 1741), fica-se desde logo intrigado com três pormenores: a natureza do tema abordado, a ausência da data de impressão, mas sobretudo a omissão da referência à obra original (e respetivo autor) que está na base do texto que é apresentado ao leitor “conforme o uso de hum insigne Operário de Naçam Francez”, ou seja, traduzida da língua francesa. Esta obra rara pertence claramente ao conjunto de traduções de tratados e livros de natureza médico-cirúrgica que foram povoando o circuito literário português de setecentos (veja-se a figura 1).

Com efeito, a literatura médica do século XVIII fez-se não só de obras escritas por autores nacionais, mas também de uma produção relativamente regular e crescente de traduções. Num país de produção científica considerada periférica, como era o Portugal da primeira metade do século XVIII no contexto europeu, a produção e circulação do conhecimento vivia em boa medida da tradução e impressão de textos provenientes de outras realidades europeias.

Aliás, uma das características da medicina lusitana foi a intensificação do uso de obras escritas na língua materna, em detrimento do latim e do castelhano. Se este processo já era evidente no século XVII, no século seguinte esta tendência acentuou-se (Carvalho, 1996, p. 73), numa altura em que o conhecimento anatómico e o estudo das diversas enfermidades se realizava mais a partir de tratados do que do estudo empírico das doenças ou da dissecação do corpo humano.

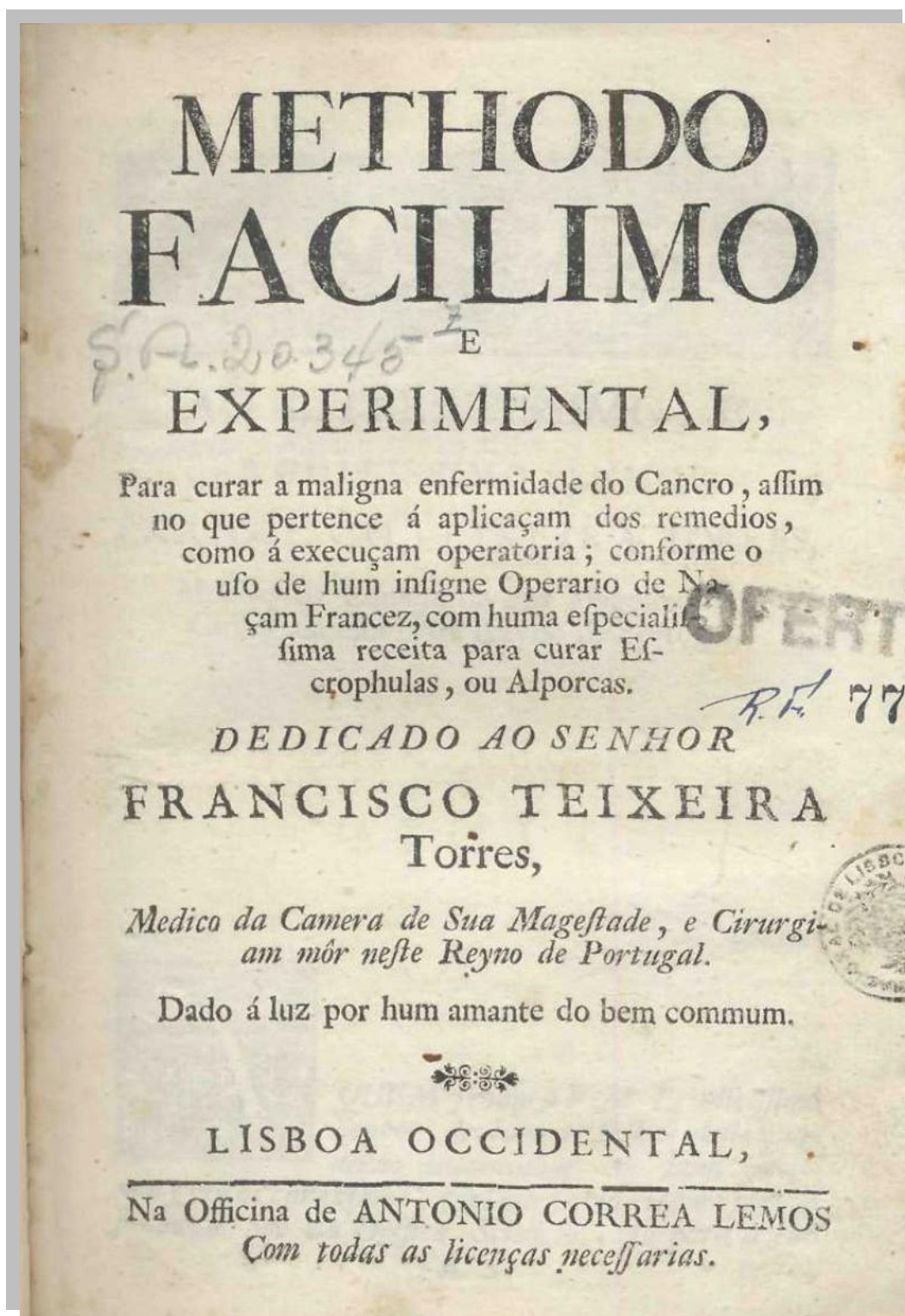


Figura 1 - Página de rosto do volume existente na Biblioteca Nacional de Nóbrega, Anastácio da - *Methodo facilimo e experimental, Para curar a maligna enfermidade do cancro assim no Que pertence á Applicação dos Remédios, como á Execução Operatória, conforme o uso de hum insigne Operário de Naçam Francez, com huma especialissima receita para curar Escrophulas, ou Alporcas.* Lisboa Occidental: na Officina de Antonio Correa Lemos, 1741. Note-se que não consta a data da edição, se bem que parece existir consenso em datar a obra do ano de 1741. (Foto do autor)

A verdadeira imprensa médica, expressa pela criação e divulgação de periódicos, só começou a revelar ares de especialização no final do século XVIII, não tendo expressão na transmissão das novidades científicas senão a partir de então. Até aí, a circulação do saber médico e das práticas cirúrgicas fazia-se em boa medida com recurso a obras traduzidas por aqueles que com elas tinham contactado, ou que nelas encontrassem elementos que consideravam benéficos e utilizáveis para a arte médica ou cirúrgica.

Sendo um mecanismo de circulação e transmissão de ideias, as traduções podem ser encaradas como agentes de inovação cultural e de prática comunicativa, permitindo compartilhar as zonas de interesse de quem produzia o texto, tornadas mais evidentes e claras sempre que se faziam acompanhar de prefácios ou adendas explicativas.

Traduções integrais ou adendadas com comentários e outros textos dos tradutores, muitas delas eram utilizadas como literatura de referência no âmbito formativo tanto de médicos como de cirurgiões, numa altura em que eram os próprios que tomavam a iniciativa de verter esses textos em português. A aprendizagem das línguas estrangeiras de maior vulgo, mais do que o próprio latim, tornara-se quase uma obrigação dos cirurgiões mais cultos, havendo quem o demonstrasse através das traduções.

Os manuais de cirurgia foram-se multiplicando, um pouco à semelhança do que também sucedeu com os textos dedicados a outras artes de curar, fossem eles destinadas a médicos, algebristas, boticários ou sangradores. Os padrões científicos eram de qualidade variável, mas ao serem publicadas em português revelam um salto qualitativo na transmissão da informação e dos saberes, cada vez mais alheados do latim, língua hermética e elitista que se destinava a ser usada por um público restrito. Por outro lado, permitiam também realizar comparações entre teorias e procedimentos técnicos provenientes de outras realidades.

A tradução era prática recorrente na primeira metade de setecentos, tornando-se cada vez mais frequente com o alongar do século. Geralmente, escolhiam-se autores consagrados e revelava-se a fonte original, mas não era incomum encontrar um conjunto de textos cujos verdadeiros autores permaneceram desconhecidos. A maioria são traduções adaptadas de edições estrangeiras, fossem-no a partir do latim, do francês, do castelhano ou do inglês.

Os exemplos são vários e exemplificam não só uma prática habitual saída da pena dos mestres cirúrgicos dedicados ao ensino nos hospitais, mas também de outros praticantes habilitados. Em 1713, José Ferreira de Moura trasladou do latim uma parte da obra cirúrgica de João de Vigo, o *Sintagma cirurgico teórico-prático* (Moura, 1713); dois anos mais tarde foi editada a tradução do livro de cirurgia de Leclère por João Vigier, a *Cirurgia anatómica e completa* (Vigier, 1715). Manuel Gomes Pereira traduziu em 1721 o livro de cirurgia de Francisco Soares de Ribera a partir do castelhano, intitulado *Cirurgia metódica e química reformada* (Pereira, 1721). Entre outras obras de cariz científico, Jacob de Castro Sarmiento publicou em 1744 o *Tratado das operações da cirurgia*, traduzido de Samuel Sharp (Sarmiento, 1744). Por seu turno, António Francisco da Costa traduziu uma das obras cirúrgicas mais famosas de Jean Adrien Helvetius em 1747, o *Tratado das mais frequentes*

enfermidades, e dos remédios mais próprios para as curar (Costa, 1747). Em 1761 Francisco José Brandão traduziu um opúsculo sobre a circulação do sangue: a *Introdução breve sobre a circulação do sangue* (Brandão, 1761), e em 1781 surgiu a tradução do livro de Van Switen sobre doenças castrenses realizado por António Martins Vidigal (Vidigal, 1781), que lhe adicionou um trabalho de dedicado aos cirurgiões embarcados. E a lista poderia continuar, desde a *Luz de Comadres, ou Parteyras* (Sousa, 1725) da autoria de Sebastião de Sousa até às *Instituições de Cirurgia. Theorica e practica* de Manoel Henriques de Paiva em 1786 (Paiva, 1804), passando pelo *Novo systema dos tumores* de António Rodrigues Portugal dado à estampa no mesmo ano (Portugal, 1786), entre várias outras.

De acordo com Costa Simões, até a obra que o então Lente de Anatomia do Hospital de Todos os Santos em Lisboa, Bernardo Santucci publicou em 1739 sob o título de *Anatomia do corpo humano...*, (Santucci, 1739) não era senão a tradução direta e resumida do belga Verheiden, saída poucos anos antes, em 1743 (Santos, 1925, p. 130).

É natural que a existência de uma rede de contactos e intercâmbios entre médicos a nível europeu facilitasse este processo de aquisição e posterior tradução, o que seria certamente menos comum no caso dos cirurgiões, muitos deles desconhecedores do latim ou de qualquer língua estrangeira. Parece verosímil considerar que a realização destas traduções fosse apanágio de apenas alguns cirurgiões mais letrados.

2. O cirurgião português do século XVIII

Assente no discurso de Bernardino António Gomes, Ferreira de Mira desenhou um quadro pouco abonatório da qualidade e formação dos cirurgiões portugueses de setecentos, transmitindo uma ideia que até hoje ainda não foi posta em causa:

“Traçando o quadro da cirurgia portuguesa no começo do século XVIII, Bernardino António Gomes escreveu que ela devia ser na Universidade letra morta, e que em Lisboa, apesar do Hospital de Todos os Santos e da sua escola de cirurgia, as grandes operações, segundo o testemunho de Verney, eram confiados somente a cirurgiões estrangeiros.” (Mira, 1947, p. 209)

O cirurgião era um dos elementos que formavam um agrupamento mais lato de profissões ou miscelânea de ocupações ligadas às artes de cura, que tinham no seu topo o prestigiado médico, seguido de longe pelo cirurgião, o algebrista, o sangrador, a parteira, o enfermeiro, o clistereiro, os tiradores de dentes e demais personagens, charlatães e mezinheiros incluídos. Ao cirurgião cabia-lhe a parte da cirurgia, ou no dizer do Dicionário de Bluteau, aquela “(...) parte da Medicina, que com as operações da mão cura chagas, feridas, & outras doenças do corpo humano” (Bluteau, 1712-1721, p. 328). Se bem que não se encontrassem no mesmo patamar dos ofícios mecânicos, estavam no que

Bluteau denominava "Estado do meio", ou seja, entre os mecânicos e os nobres pelo "privilégio que estimam da arte" (Bluteau, 1722-1728, p. 302), sendo os detentores de um ofício menor.

O exercício profissional do cirurgião estava ligado à prática de um trabalho manual que hoje poderíamos designar por pequena cirurgia, principalmente a realização de sangrias, aplicação de ligaduras, incisão e drenagem de abscessos, e ainda o tratamento de chagas, úlceras e feridas de vários tipos, se bem que podia incluir o tratamento dos apertos uretrais, amputações, tratamentos ortopédicos básicos (redução, alinhamento e imobilização de fraturas simples) e até alguma odontologia rudimentar. Em situações limite, procedia-se a trepanações, herniotomias e amputações de membros, ou ainda à extração de cálculos da bexiga.

O canivete e o cautério eram fundamentais para estas operações simples, numa altura em que o conhecimento da morfologia do corpo humano em pouco contribuía para o desenvolvimento da praxis cirúrgica. Com exceção do Hospital Real de Todos os Santos em Lisboa, a possibilidade de realizar dissecações era fraca. Ainda a julgar pelos tratados provenientes da pena dos responsáveis pelo ensino cirúrgico nesse mesmo hospital: Monravá y Roca (1739), João Lopes Correia (1723), Bernardo Santucci (1739) ou Santos de Torres, as doutrinas de Galeno ainda faziam cátedra, sendo normalmente seguidas e aceites sem grande contraditório na primeira metade setecentos.

Grupo profissional de muito menor estatuto social do que os médicos diplomados pela Universidade de Coimbra, o cirurgião português do século XVIII geralmente não apresentava pergaminhos universitários, nem formação erudita comparável à dos médicos saídos da forja coimbrã. Daí que a sua aprendizagem da anatomia era feito por outros cirurgiões de nomeada, ou então por mestres provenientes de universidades estrangeiras como sucedia no Hospital de Todos os Santos, local onde se considerava estar sedeadada a melhor formação cirúrgica do país.

Por outro lado, apesar de uma parte dos cirurgiões pertencerem a estratos de menor estatuto social, outros moviam-se em círculos de maior projeção, nomeadamente ao nível da Corte, fosse pelo relacionamento com o cirurgião-mor do reino e outros personagens ilustres, ocupando cargos da administração pública local, ou morando nas artérias de maior importância das cidades. Constatou-se, para a cidade do Porto, que uma profissão pertencente às artes mecânicas e não raro desconsiderada, não deixaria de poder ter importância e projeção social (Santos, 2001, p. 145-165).

Um dos melhores exemplos da elevada formação, estatuto e consideração que um cirurgião podia atingir é o caso paradigmático do famoso Manuel Gomes de Lima Bezerra, verdadeiro promotor da elevação e formação dos seus confrades de profissão (Tavares, 1988; 2008; Borralho, 2003).

Existia, a nosso ver, uma clara dualidade profissional no seio destes profissionais, estabelecida entre uma elite ligada ao ensino hospitalar e aos círculos do poder, e uma vasta maioria em muitos casos iletrada onde ainda imperavam a aplicação de mezinhas de lavra secreta, crenças supersticiosas e um volume indeterminado de charlatães. No meio destas duas categorias parece existir um terceiro agrupamento de cirurgiões em fase de afirmação e promoção socioprofissional, feita à base da competência e desempenho, buscando-a na aprendizagem mais exigente da sua arte. Em todo o

caso, não era uma profissão homogênea, apesar de na letra da lei existirem mecanismos de titulação e regularização profissional (Dutra, 1991).

Como mostrou Isabel Braga (2002), este panorama era em certa medida extensivo à medicina, tanto mais que a medicina universitária ainda disputava o seu lugar junto da medicina popular.

A falta de ética, proficiência e qualificações dos praticantes das várias artes de curar foi assunto que encheu várias páginas de crítica acesa, de Brás Luís de Abreu a Ribeiro Sanches, passando por Jacob de Castro Sarmento e Luis António Verney. Nesse sentido, o prólogo da obra de Brás de Abreu resume bem as expressões de desagrado expressas em todos eles (Abreu, 1726). Ainda de acordo com as críticas formuladas por Lima Bezerra em 1756, muitos cirurgiões da época formavam-se apenas pela prática, mal sabendo ler nem escrever:

“Sahir da Escola sabendo ler e escrever mal; aprender a sangrar sem conhecimento nem methodo; estudar desordenadamente o Ferreira [compêndio cirúrgico de Antonio Ferreira muito em voga desde 1670]; andar tres annos em hum Hospital e examinar depois em Cirurgia, nao he o que basta para a saber bem. Deves saber Latim, Historia Natural e a Economia do Corpo Humano, se queres ser verdadeiro Cirurgiao.” (Lima, 1756, p. 2-3)

Assim sendo, as traduções a que temos vindo a aludir seriam, em princípio, o produto de uma elite, dirigidas em certa medida à afirmação e/ou confirmação da autoridade profissional dos seus autores, mas sobretudo à divulgação e vulgarização da praxis cirúrgica junto da maioria dos cirurgiões sem fluência no latim e/ou desconhecedores dos idiomas estrangeiros de maior circulação.

E se esta crescente “ilustração profissional” (no sentido da intenção de divulgação/promoção científica e até cultural) poderia justificar o trabalho daqueles que se dedicavam ao labor tradutório, certamente os proventos provenientes da venda da obra também justificariam em boa parte o esforço despendido. Ao contrário de muitas outras obras de grande volume e altamente dispendiosas adquiridas pelos médicos, este livro é de reduzida dimensão, e portanto, de aquisição pouco onerosa para o cirurgião, cerne de uma audiência restrita a quem o livro podia interessar. A venda tornar-se-ia, em princípio, fácil, sendo acessível a qualquer um desses profissionais.

É neste contexto da “ilustração” e da divulgação de literatura científica que devemos entender a publicação do *Methodo Facilimo e Experimental, Para curar a maligna enfermidade do cancro*, dada à estampa pelo cirurgião Anastácio da Nóbrega. Insere-se, pois, num contexto mais lato, que ultrapassa o tema que aborda; e se por um lado é fácil inferir a natureza sócio-cultural (ou sócio-profissional) do público leitor/público-alvo, nada sabemos sobre os seus circuitos de edição e distribuição.

3. Anastácio da Nóbrega: o autor, a data e a obra

Os dados existentes ou encontrados até à data não nos fornecem muita informação sobre Anastácio da Nóbrega. Este personagem permanece, em larga medida, um verdadeiro desconhecido, cirurgião quase incógnito não fosse a existência da obra que traduziu.

No *Diccionario Bibliographico* de Inocêncio da Silva, lê-se que era: "(...) um dos mais hábeis Cirurgiões do seu tempo. – Foi natural de Lisboa, porém não constam as demais particularidades que lhe dizem respeito" (Silva, 1858, p. 57). Sendo prática habitual os frontispícios das obras (mesmo as traduzidas) incluírem uma relação mais ou menos extensa dos títulos, funções e demais honrarias que distinguem os autores, neste caso tal não sucede. Ou não os tinha, pelo que se apresentou apenas como cirurgião, ou é de supor que pudesse ser ainda recém-encartado na altura. Ao não assinar a obra, poderia querer permanecer incógnito, algo que as suas iniciais não o permitem.

A dedicatória que faz a Francisco Teixeira Torres, cirurgião-mor do reino, poderia indiciar uma insinuação junto da maior autoridade cirúrgica do país, tentativa de criar um precedente positivo, ou apenas um mero acto de reverência, prática habitual em obras desta natureza, que quando não eram dedicadas diretamente ao monarca reinante, o eram ao físico e cirurgião-mor. Prática costumeira na edição de qualquer obra da época, esta dedicatória insere-se na já conhecida tentativa de legitimação do teor do texto e do seu autor, feito através da autoridade emanada pela associação de um nome reconhecido e conceituado.

O facto é que a influência de Francisco Teixeira Torres junto da Corte não era menosprezável: possuía uma autoridade legalmente legitimada na concessão de autorizações ao exercício de várias artes de curar, revalidada pela provisão de 17 de agosto de 1740, que após ter sido solicitada pelo próprio, o autorizava a fazer-se representar – tal como o físico-mor – para a nomeação de cirurgiões, sangradores e parteiras que examinassem os candidatos a esses ofícios nas localidades de onde provinham, evitando-lhes a deslocação à Corte (Sousa, 1791, p. 343-347). Apesar disso, Anastácio tentou demarcar-se da habitual tendência laudatória (mas sem a enjeitar), referindo um interesse menos ilegítimo e aparentemente mais científico: "Por tanto, meritissimo Heroe, aceite V.M. este pequeno tributo, como offerta de animo curioso, e nam de huma vontade interessada." (Nóbrega, 1741, s.p.).

E se sobre o autor pouco se sabe, acerca da data da edição também se levantam dúvidas. Se Barbosa e Manuel de Sá Mattos (Mattos, 1788, p. 52) o dão como impresso em 1741, o *Catálogo da Academia das Sciencias* (*Catálogo*, 1799, p. 5) datou-a de 1747, parecendo-nos mais lógica a primeira data, uma vez que também Inocêncio da Silva a sustenta:

"Barbosa affirma ter sahido em 1741, mas o Catalogo da academia diz, não sei com que fundamento, que fora em 1747. Nada posso apurar quanto a este ponto, porque ainda não descobri exemplar algum d`este opúsculo nem noticia d`elle, tendo-o procurado inutilmente, tanto na Bibl. Nac. de Lisboa, como na da Acad. Das Sc. Tenho para mim que a indicação de Barbosa

será a exacta, e não a do Catalogo; por isso que ella combina com o que traz Manuel de Sá Mattos na sua Bibliotheca Elementar Chirurgico-Anatomica (...)" (Silva, 1858, p. 57)

Apesar de uma eventual discrepância de seis anos na edição do opúsculo, é lícito afirmar que se trata de um texto editado na primeira metade do século XVIII, de reduzida dimensão e sem qualquer valor superlativo aparente, para além de ser a primeira obra conhecida escrita em português exclusivamente dedicada o tema do cancro, e concebida a pensar nos profissionais da cirurgia. No entanto, também é verdade que desconhecemos até que ponto os mecanismos de censura impostos pelo tribunal da Inquisição, que controlava a publicação de livros e outros textos, se fizeram sentir nesta obra, quando é bem sabido que a censura se repercutiu sobretudo na circulação de obras médicas estrangeiras em Portugal (Martins, 2005). Apesar de no frontispício se referir que apresenta "todas as licenças necessárias", o autor optou por não se identificar diretamente, inscrevendo apenas as suas iniciais, e justificando o facto da seguinte forma:

"Razam porque me nam especifico demonstrandome: sendo que por esta cauza nam desmerecerá o seu applauzo; por fer dignissimo delle nam só a materia, de que se trata, mas a formalidade, com que se opéra: e com o seu beneplácito se fará tambem plauzível aos professores, e curiosos, gusto o meu trabalho, e a minha curiosidade satisfeita." (Nóbrega, 1741, s.p)

Ou seja, o autor tentou que a técnica que advogava no texto fosse praticada e certificada pelo próprio cirurgião-mor, abstendo-se, muito provavelmente, de a praticar ele próprio, até que fosse credibilizada.

Não parece que este opúsculo tenha alguma vez suscitado qualquer interesse por parte dos cultores da história da medicina entre finais do século XIX e primeira metade do século XX: quando se lhe referiram, fizeram-no sempre de forma telegráfica. Na sua *História da Medicina Portuguesa*, Ferreira de Mira identifica incorretamente o título, referindo-o como "Método fácilimo e excepcional", (Mira, 1947, p. 228) enquanto Maximiano Lemos apenas lhe dedica 3 breves linhas, sintetizando o conteúdo da obra e a profissão do autor (Lemos, 1991, p. 43). E ficou-se por aqui: não consta que mais alguma coisa se tenha escrito desde então.

No tocante ao conteúdo de 24 páginas da obra que transcrevemos, Anastácio faz profissão de fé da superioridade da extirpação cirúrgica na cura do cancro, relegando os agentes tópicos para o papel de paliativos. No entanto, não deixou de acrescentar uma "Receita approvadissima para Alporcas, Cancros, Lobinhos e Leicengos" (Nóbrega, 1741, p. 23-24), que não tem uma relação direta com o resto da tradução, sendo um acrescento que, como se verá adiante, não fazia parte da obra francesa original.

Se atentarmos ao título, não deixamos de compreender a novidade de um tal texto; o método é "fácilimo" por oposição à técnica da mastectomia que era utilizada até então; a sua natureza "experimental" revela o peso do experimentalismo enquanto agente promotor da reforma do saber no

século das Luzes; e por fim, “a maligna enfermidade do cancro”, aludindo a uma doença de reputação tenebrosa, tida à partida como incurável.

A extirpação ou amputação, era, segundo o autor, o único remédio contra o cancro confirmado: os agentes tópicos, por melhores que fossem não eram senão meros paliativos.

4. Causticar, cortar ou paliar? Métodos e tendências para tratar o cancro da mama

No que à medicina científica concerne, desde a época moderna que tanto os doentes como os médicos inscreviam a sua compreensão do cancro num quadro comum, que, na sua essência, afetava o sujeito como um todo, mas que era sempre visto como singular, próprio de cada um e indissociável do indivíduo. A doença podia-se manifestar localmente, mas constituía a súmula ou a conjunção de vários problemas, que iam de defeitos constitucionais da pessoa, do seu património hereditário, dos seus hábitos alimentares, ou outros, conforme a explicação mais plausível para o médico. O diagnóstico passava pela observação dos sinais e apreciação dos sintomas mais evidentes, passíveis de uma interpretação nem sempre igual, o que no caso dos cancros internos, raramente detetados, se tornava sumamente difícil e habitualmente impossível de realizar em vida.

Apesar das objeções colocadas por muitos médicos e cirurgiões contra a intervenção cirúrgica feita sob a forma de mastectomia, e da existência de uma variedade mais ou menos inútil de agentes tópicos pretensamente utilizados com intuito curativo, os cirurgiões pugnavam cada vez mais pelo uso enérgico e atempado do bisturi.

Nicolau Tulp defendia a amputação em todas as circunstâncias, sem a qual a morte era inevitável. Por seu turno, Alliot fazia parte do grupo alargado dos que defendiam os agentes tópicos cáusticos, causando muita sensação em finais do século XVIII pelo remédio que propôs para curar o cancro da mama. O pó branco que usava (e que dizia ser uma agente alcalino) era uma preparação à base de arsénico, o que levou a que o seu autor acabasse por ser esquecido quando descoberto.

Talvez pelo facto de praticamente todos estes e outros agentes tópicos se mostrarem ineficazes e da cirurgia ser extremamente arriscada e perigosa, persistia a ideia do nada fazer senão paliar. Os adeptos desta corrente eram muitos, na medida em que se multiplicavam as observações que mostravam os perigos e a inutilidade da amputação do cancro da mama. Estas observações tornaram-se comuns, fossem pela má execução cirúrgica ou por esta se realizar demasiado tarde.

Albrecht von Haller (Hallerus, 1755, p. 449-472 e 510-529) expressaria opinião diferente: nos seus textos seleccionados, a cirurgia era vista enquanto única opção viável, indo de encontro às opiniões de vários autores do século XVII, como Fabricius Von Hilden (1682), Johannes Scultetus (1655), Guillaume de Houppeville (1693) e outros, que faziam parte da corrente dos que viam no canivete a única opção de cura minimamente viável (Sprenghel, 1820, p. 409-481). E não era uma tendência nova. A amputação da mama já se realizava desde a idade média, apenas por alguns poucos e em situações extremas, sempre com resultados muito incertos e desiguais. Prevalencia o

princípio do *nole me tangere*, da aplicação dos cáusticos ou dos agentes tópicos meramente paliativos.

Contudo, também não faltavam menos cirurgiões que determinavam especificamente os casos em que se podia e devia operar, ressaltando o que esperar dos mesmos. O número dos partidários da amputação tornou-se maior consoante o aproximar do final do século XVII, e Anastácio da Nóbrega não foi um dos últimos a partilhar dessa ideia. Acreditava que era possível triunfar sobre um cancro em fase inicial, fazendo uso de cáusticos ligeiros, mas defendia que quando a doença se estabelecesse numa glândula (caso da mama) não era possível dispensar a amputação da mesma. Da mesma forma procederia em caso de cancro ulcerado, sem o que não restaria qualquer hipótese de cura.

E em Portugal? Qual a principal tendência seguida? Que novidades aporta o texto de Anastácio?

5. “A maligna enfermidade do cancro” na prática médico-cirúrgica portuguesa da primeira metade de setecentos

A publicação de Anastácio da Nóbrega, advogando a extirpação em casos selecionados, faz pensar que o princípio do *nole me tangere* ou da aplicação de componentes cáusticos fosse por ventura a mais seguida; de outro modo não se perceberia a novidade aportada pelo texto traduzido. No entanto, fica-se com a dúvida: que impacto teria tido este texto na *praxis* cirúrgica anticancerosa? Teria promovido de algum modo o recurso mais frequente à extirpação da mama? Não dispomos de fontes que permitam responder a estas questões, mas dada a raridade da obra, a inexistência de reimpressões, e a omnipresença e reconhecida prevalência das obras de cirurgia como a de António Ferreira no ensino cirúrgico até meados do século XVIII, é de supor que o impacto tenha sido reduzido, e não tenha constituído senão um fenómeno episódico no panorama literário médico-cirúrgico português de setecentos.

No quadro da compreensão médica sobre o cancro na primeira metade de setecentos, o tema não era domínio sobre o qual existisse um grande consenso, nem na etiologia nem no tratamento, se bem que prevalecia quase sempre o princípio paliativo.

Não deixando de ser uma doença bem conhecida, com manifestações, sinais e sintomas claramente identificados, não existia ainda uma conceção médica única, oscilando-se entre os que defendiam a pura não intervenção e/ou a aplicação de agentes tópicos paliativos, e aqueles que propunham desde logo a intervenção cirúrgica mais ousada no caso dos tumores visíveis e superficiais, com resultados muito variáveis e de desfecho incerto (Costa, 2010, p. 53-84).

Associava-se-lhe a má fama de ser uma doença de sinistra reputação: maligna, dolorosa e mortífera. Em termos de discurso, a literatura científica caracterizava-o sempre com recurso a uma prosa invariavelmente sombria e de desfecho fatalista, visto enquanto mal terrível e quase sempre

mortal. Os médicos e cirurgiões reconheciam-na, tentavam sistematizá-la, mas também declaravam abertamente a sua débil compreensão sobre a etiologia.

Também por estas razões, não raro o próprio canceroso rejeitava o conselho do médico formado na universidade, em prol de uma qualquer solução menos invasiva que a cirurgia costumeira por vezes sugeria. Daí que o tratamento, como em tantas outras afeições, fosse feito com o já habitual recurso a diferentes tipos de praticantes das “artes de curar”, que incluíam curandeiros, charlatães e mezinheiros, costume este que parece ter sido muito comum tanto no Portugal rural quanto citadino dos séculos XVII e XVIII (Walker, 2004; Araújo, 1988).

No domínio do sagrado, o cancro logrou, como tantas outras patologias, um lugar próprio, expresso na hagiografia, nas preces, ou inscrito na guarda de um santo protetor (Costa, 2011).

O modo de encarar o problema do ponto de vista cirúrgico encontra-se bem plasmado no compêndio cirúrgico de António Ferreira, a *Luz verdadeira e recopilado exame de toda a cirurgia* (Ferreira, 1705). Aconselhava o tratamento paliativo, recorrendo à cirurgia apenas se reunidas as habituais condições operatórias: ausência de aderências, tamanho reduzido do tumor e bom estado geral do doente (Ferreira, 1705, p. 421-424). Obra fundamental para se compreender o que seria a generalidade da prática cirúrgica, não só nas últimas décadas do século XVII mas também nos primeiros três quartos do século XVIII, este guia teve vida longa nas suas 5 edições e uso praticamente ininterrupto desde a altura da primeira edição na segunda metade de seiscentos até meados do século XVIII, altura em que ainda continuava a ser usado pelos aprendizes de cirurgia. Apesar de ter muito criticado por Lima Bezerra em 1752 (Lima, 1752), “o Ferreira”, como chegou a ser conhecido o livro oficial dos cirurgiões, é a fonte mais fidedigna para aquilatar do conhecimento e prática coeva acerca do cancro. Nem mesmo a pretensa atualização que Feliciano de Almeida (1738) pretendeu introduzir ao tratado de Ferreira aportou nada de novo. Mais tarde, António Gomes Lourenço (1780) seguiu os mesmos moldes de Ferreira, sintetizando-os, mas sem inovar, o mesmo sucedendo com José Ferreira (1740).

E se era comum proceder à cauterização dos tumores cutâneos de pequeno volume, a excisão cirúrgica não era recomendada, muito menos quando se tornavam proliferativos e ulcerados, altura em que se consideravam incuráveis e, como tal, assunto totalmente descartado pela intervenção cirúrgica até meados do século XVIII.

A generalidade da literatura médico-cirúrgica portuguesa de setecentos é, a este respeito, muito homogénea na sua preferência pelo cuidado paliativo ou na intervenção limitada e altamente criteriosa do bisturi, como se pode inferir do escrito por alguns dos mais conceituados praticantes da altura. Também as edições sucessivas da obra do metódico António da Cruz, médico do Hospital de Todos os Santos que viveu entre a segunda metade do século XVI até 1626, são disso boa prova (Cruz, 1711). Pouco atreito à intervenção cirúrgica, que via como tecnicamente difícil e perigosa, acreditava que o cirurgião deveria relegar a sua intervenção a um tratamento paliativo, prática que assim permaneceu imutável, atestada ao longo das várias edições sucessivas e póstumas da sua obra nos séculos XVII e XVIII (Silva, 1858, p. 119). O mesmo se infere da *Cirurgia Medico-Pharmaceutica*

Deduzida da Doutrina Stahliana, editada em 1740, obra onde o jovem cirurgião lisboeta José Ferreira também explanava que não se devia intervir cirurgicamente (Ferreira, 1740).

A impotência plasmada nos relatórios das observações clínicas, refletem o sofrimento, a dor e a inexorabilidade de um desfecho conhecido. São a imagem vibrante de uma doença que ultrapassava as capacidades da medicina, e que, como tantas outras, se plasmava em prosa pungente, delineada nas mais gráficas descrições encontradas nos escritos médicos.

António Ferreira relatou um caso de cancro da mama inoperável, aludindo aos padecimentos de uma doente e à sua própria incapacidade para realizar qualquer tipo de abordagem cirúrgica ou remédio curativo:

“(…) manifestamente vejo, que o achaque, que esta senhora padece, ha hum cancro ulcerado, enfermidade taõ ruim, como trabalhosa, taõ cruel, como mortifera, (...) se tem alastrado, de modo que occupa a cintura, & sovaco, sendo já total impedimento ao braço, ha já febre, e debilitaçõens de forças, (...) No estado em que ao presente está, não admitte esta [cirurgia], pois allem de não concorrerem as condiçoens ditas, não está capaz pela debilidade do sujeito, senão a paleativa, com que paleando se va dilatando a vida por mais annos.” (Ferreira, 1705, p. 421 e 423).

Esta visão encontra-se muito próxima da prosa de Nóbrega, quando alude à doença cancerosa com o mesmo pendor fatalista. Refere-se-lhe como sendo uma

“(…) enfermidade tão fera, que à violência de sua fúria parece impossivel escapar, o que por infortunio caiu em suas garras, podendo-se supor infeliz na possessão de tão desumano mal. É um ardiloso veneno, que entrando com suavidade a nascer, acaba com rigor a maltratar; e de sorte que se não contenta, sem que devore a mais preciosa prenda da saúde, e por consequinte, sem que roube a mais estimável jóia da vida.” (Nóbrega, 1741, p. 2)

Assim sendo, a tradução de Nóbrega insere-se no contexto das preocupações sobre as reais possibilidades de cura proporcionadas pela abordagem cirúrgica do cancro, num quadro médico que à época pugnava muito mais pelo cuidado paliativo, quase desprezando a possibilidade curativa.

6. A obra e o autor original: percursos de um trabalho de investigação

Se bem que era habitual os tradutores referirem a obra e o autor originais, neste caso colocava-se-nos uma verdadeira incógnita. Ao longo de todo o texto, Anastácio da Nóbrega não fez qualquer referência ao autor nem à obra original que traduziu, limitando-se a fazer breves referências ao facto desta ser uma obra traduzida do francês, o que apenas revela a proficiência do cirurgião no domínio da língua.

Com base na nacionalidade, na data provável da edição, no tema, e no teor da descrição da cirurgia realizada, feita na presença de individualidades ligadas à casa real, à qual "Assistiram a ella mais de quarenta Médicos, e Cirurgiões, todos os do Palácio Real, e dos Principes, e Grandes de França: pessoas todas peritissimas, para verem todos huma operaçam tam nova, e cheya de prodigios" (Nóbrega, 1741, p. 12), o texto de Nóbrega poderia levar-nos a pensar estar na presença da tradução de uma das muitas operações e demonstrações realizadas por Pierre Dionis no jardim real. Os *Cours d`opertions de chirurgie* (Dionis, 1738) obra famosa e reeditada mais de uma dezena de vezes ao longo de todo o século XVIII, pelo menos entre 1738 e 1782, poderia conter o dito texto, mas uma análise atenta não nos permitiu descortinar qualquer indício.

Seria o tema a chave da resposta? Com efeito, quantas obras francesas exclusivamente dedicadas ao cancro poderiam existir para a primeira metade do século XVIII? Ou seria esta a tradução em francês de outra obra, por ventura inglesa, alemã ou holandesa? De acordo com a reputada *Ciclopedia of Practical Medecine*, de 1835, o registo bibliográfico de obras médicas específica e exclusivamente dedicadas ao cancro para esta altura eram relativamente raras: uns meros 9 títulos registados bibliografia europeia entre 1666 e 1765 (Forbes, Tweedie & Conolly, 1835, p. 151).

A hipótese mais evidente parecia ser o *Traité du cancer* do médico régio Jean Baptiste Alliot, editado pela primeira vez em 1698 (Alliot, 1698). Contudo, ao ler a obra de Alliot não só nos damos conta de não ser esta a fonte da tradução como deparámos com o relato de um diferendo entre Alliot e Helvetius, que pugnava pela quase incondicional excisão do cancro da mama, sustentando-a como o único remédio provado, ao contrário do uso dos agentes cáusticos de aplicação tópica defendidos por Alliot.

Revolvendo então a bibliografia de Helvetius, deparámo-nos com duas obras potencialmente interessantes que pareciam enquadrar-se no âmbito da nossa pesquisa: as 18 páginas da *Lettre de M. Helvetius (...) sur la nature et la guérison du cancer*, de 1691 (Helvetius, 1691), e o *Traité des pertes de sang (...) Accompagné de la lettre sur la nature et la guerison du cancer* datado de 1697 e reeditado posteriormente em 1706 numa versão revista e aumentada (Helvetius, 1697, pp. 115-151; Helvetius, 1706, pp. 115-151).

Jean Adrien Helvetius (1661-1727) foi um médico francês de ascendência holandesa com estudos feitos em Leyden, e que posteriormente se fixou em Paris, tendo chegado a ser conselheiro do rei e inspector-geral dos hospitais da Flandres francesa. Mais conhecido por ter descrito e divulgado as propriedades curativas da ipecacuanha e pela difusão do *Traité des Maladies les plus frequentes et des remedes spécifiques pour les guérir*, editado pela primeira vez em 1703, foi autor de várias obras dedicadas à medicina, sobretudo acerca das febres, vendo algumas das suas obras difundidas pela Europa e republicadas após a sua morte. A segunda obra que escreveu foi precisamente o opúsculo de 1691 intitulado: *Lettre de M. Helvetius (...) sur la nature et la guérison du cancer* (Michaud, 1857, pp. 85-86).

Com uma diferença de 50 anos entre si, verifica-se rapidamente que o *Methodo facilimo e experimental (...)* de Anastácio da Nóbrega é a tradução e adaptação da *Lettre de M. Helvetius (...)*

sur la nature et la guérison du cancer, da autoria de Helvetius. Este pequeno texto foi posteriormente reeditado como anexo no *Traité des pertes de sang (...) Accompagné de la lettre sur la nature et la guérison du cancer*, tanto na edição original de 1697 como na de 1706, como forma de reafirmação dos seus princípios exclusivamente cirúrgicos de cura do cancro (veja-se a figura 2).

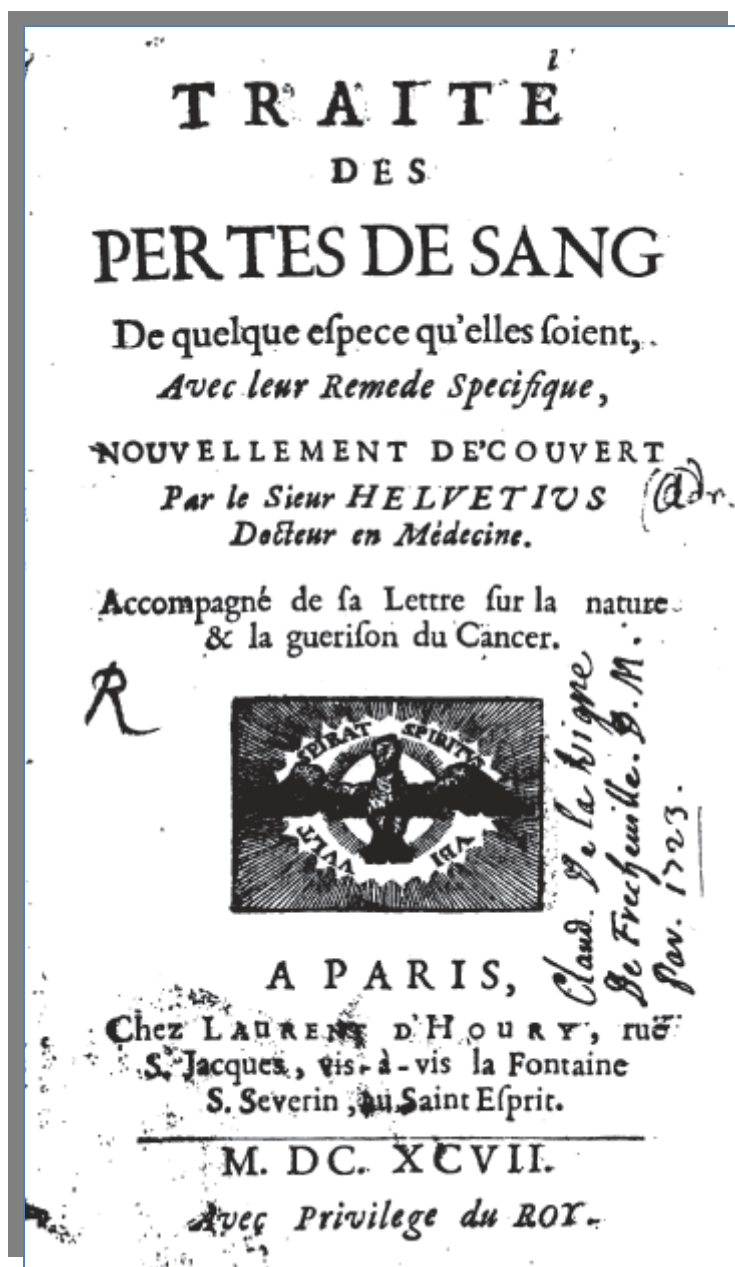


Figura 2 – Rosto da primeira edição do "*Traité des pertes de sang (...) Accompagné de la lettre sur la nature et la guérison du cancer*", datado de 1697.

Para amputar, Helvetius propunha segurar a mama com duas pinças de sua lavra, cujos ramos se curvavam em arco, um sobre o outro, pinças essas que durante muito tempo foram apelidadas de *tenettes helvétiennes*. Rejeitava o uso do vitríolo para estancar a hemorragia em favor do *crepitus lupi*, espécie de cogumelo que dizia ser mais eficaz nesse propósito. A argumentação apresentada

assentava sobre os resultados da prática aprimorada pela experiência, mas também na aprendizagem do autor com o seu pai, cirurgião holandês que fizera nesse país múltiplas cirurgias dessa natureza.

Dado que ambas versões do texto, tanto a de 1697 como a de 1706 são iguais no tocante ao texto sobre o cancro, com excepção da adição das receitas de algumas mezinhas tóxicas na edição de 1706, somos levados a pensar que a versão utilizada por Nóbrega tenha sido esta última, donde lhe terá surgido a ideia de acrescentar uma pequena *Receita approvadissima para Alporcas, Cancros, Lobinhos e Leicencos*, que não aparece nas obras originais de Helvetius.

Comparando os textos, nota-se que Nóbrega teve o cuidado de lhe adicionar uma introdução de sua lavra, que não se encontra nos originais de Helvetius, ao mesmo tempo que adaptou todo o texto, estruturando-o em redor de uma metodologia expositiva e removendo parte do teor epistolográfico original.

A tradução é correta, mostrando um domínio adequado da língua francesa, o que nos faz questionar o porquê de não ter desde logo revelado a autoria do original. Transparecendo já ter tido algum contacto prévio com o cancro, Nóbrega seguiu o plano do original, se bem que a tradução não se tenha limitado à transcrição singela e telegráfica, não sendo, pois, absolutamente literal. É nitidamente enriquecida em algumas passagens pelo uso de uma linguagem apoiada numa adjetivação que confere colorido à leitura. Noutros casos, pura e simplesmente são suprimidas pequenas parcelas do texto, sem razão alguma que o justifique.

6 - Considerações finais

O *Método Facillimo* (...) é uma obra única no contexto da literatura cirúrgica traduzida em Portugal no século XVIII. Se por um lado nos foi possível inseri-la na demais tendência tradutória e observá-la com algum detalhe, fosse no tocante ao conteúdo quanto aos propósitos do seu autor, restam ainda dúvidas quanto à aceitação e impacto do texto nos círculos a que se destinou.

O facto da obra de Helvetius ser traduzida em português pode ser interpretado como um reflexo do que era a então prática cirúrgica face ao cancro, ou, melhor dizendo, da ausência dela. Imperava ainda o princípio do *nole me tangere* sempre que se suspeitava estar perante um cancro declarado, o que se encontra bem patente nos manuais de cirurgia portuguesa de maior divulgação na altura. Se bem que tenha chegado à língua portuguesa com mais de 40 anos de atraso, marcou a diferença face à primazia dos agentes tóxicos mais ou menos corrosivos em detrimento da excisão dos tumores da mama, numa altura em que ainda não se haviam abandonado muitos dos princípios da medicina hipocrática, apesar das transformações a que o saber médico se encontrava sujeito.

Apesar de desconhecermos o seu grau de circulação entre os cirurgiões, tendemos a acreditar que tenha sido diminuto, se tivermos em atenção a inexistência de qualquer reedição posterior, a raridade da obra – o que faz supor uma tiragem baixa – e ainda a ausência de quaisquer fontes que se refiram a Anastácio da Nóbrega.

Contudo, deve-se reconhecer que é uma tentativa em prol da renovação da cirurgia portuguesa da primeira metade do século XVIII, assente num saber claramente experimental, se bem que bebido do exterior. Ao propugnar a introdução de um ato cirúrgico que se arrogava as vantagens de realizar a amputação da mama de modo mais rápido e menos doloroso, permite mostrar não só a circulação do conhecimento e saberes cirúrgicos na Europa de setecentos, o interesse despertado pela técnica de Helvetius e os reflexos que teve num cirurgião português que a julgou lícita de ser apresentada, divulgada e posta à consideração dos seus colegas, num país em que a cirurgia do cancro da mama continuava a ser desaconselhada e até interdita.

Bibliografia e fontes

- Abreu, B. L. de (1726). *Portugal Medico ou Monarchia Medico-Lusitana, historico, practica, symbolica, ethica e politica*. Coimbra: Oficina de João Antunes.
- Alliot, J. B. (1698). *Traité du Cancer, où l'on explique sa nature, & où l'on propose les moyens les plus sûrs pour le guerir methodiquement. Avec un examen du système & de la pratique de Mr Helvetius*. Paris: Chez François Muguet.
- Almeida, F. (1738). *Cirurgia reformada: dividida em dous tomos* (2 vols). Lisboa: Na Officina de Antonio Pedrozo Galram.
- Araújo, M. B. (1988). *A medicina popular e a magia no sul de Portugal: contribuição para o estudo das correntes mentais e espirituais (fins do século XVII a meados do século XVIII)*. Tese de doutoramento (3 Vols). Lisboa: Faculdade de de Letras da Universidade de Lisboa.
- Bluteau, R. (1712-1721). *Vocabulário Portuguez & Latino* (Vol. II). Coimbra: no Colégio das Artes da Companhia de Jesus.
- Bluteau, R. (1722-1728). *Vocabulário Portuguez & Latino*. Lisboa: na Oficina de Pascoal da Silva.
- Borralho, M. L. M. (2003). O mito do legislador numa academia luso-espanhola. *Península. Revista de Estudos Ibéricos*. Nº 0, 401-412.
- Braga, I. (2002). Medicina popular versus medicina universitaria en el Portugal de Juan V (1706-1750) *DYNAMIS*. Vol. 22, 209-233.
- Brandão, F. J. (1761). *Instrucçam breve sobre a circulaçam do sangue, enriquecida com notas para utilidade dos principiantes*. Porto.
- Carvalho, R. de (1996). *Actividades Científicas em Portugal no século XVIII*, Évora: Universidade de Évora.
- *Catalogo dos livros que se haõ de ler para a continuação do Diccionario da Lingua Portugueza mandado publicar pela Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Lisboa: na Tipographia da mesma academia, 1799.
- Correia, J. L. (1723). *Castelo forte contra todas as enfermidades que perseguem o corpo humano* (2 vols.). Lisboa.
- Costa, A. F. (1747). *Tratado das mais frequentes enfermidades, e dos remedios mais proprios para as curar, traduzido de Mr. Adriano Helvecio* (2 vol.). Lisboa: por Miguel Rodrigues.
- Costa, P. F.; Cardoso, A. (Org.) (2011). *Percursos na História do Livro Médico (1450-1800)*. Lisboa: Edições Colibri.

- Costa, R. M. P. (2010). *Luta contra o cancro e oncologia em Portugal. Estruturação e normalização de uma área científica (1839 – 1974)*. Tese de doutoramento. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Costa, R. M. P. (2011). No trilho histórico do cancro: percepções de incurabilidade, invocações sagradas e rejeição da medicina científica. *Revista do Centro de História da Sociedade e da Cultura. Vol. 11, Tomo I*, 249-271.
- Cruz, A. (1711). *Recopilação de Çurgia, dividida em cinco tratados...* Acrescentada por Francisco Soares Feio e António Gonçalves. Lisboa: na oficina de Bernardo da Costa Carvalho.
- Dionis, Mr. (Pierre) (1738). *Cours D´operations de chirurgie, démontrées au Jardim Royal* (3º éd. Revûe). Paris: Laurent D´Houry.
- Dutra, F. A. (1991). The practice of medicine in Early modern Portugal: The role and social status of the Físico-mor and the Surgião-mor. In Israel J. Katz, (Ed.), *Libraries, History, Diplomacy and the Performing Arts: Essays in honor of Carleton Sprague Smith*. (pp. 135-169), New York: Pendragon Press and New York Public Library.
- Ferreira, A. (1705). *Luz verdadeyra e recopilado exame de toda a cirurgia*. Lisboa: na Officina de Valentim da Costa Deslandes. [1ª edição em 1670].
- Ferreira, J. (1740). *Cirurgia Medico-Pharmaceutica Deduzida da Doutrina Stahliana Accõmodada ao Curativo deste Paiz. Livro primeiro*. Lisboa Occidental: [s.n].
- Forbes, J.; Tweedie, A.; Conolly, J. (eds.) (1835). *The Ciclopedia of Practical Medecine* (Vol. IV SOF-YOW). Supplement. London: Sherwood, Gilbert and Piper.
- Hallerus, A. (A. von Haller) (1755). *Disputationes chirurgicae selectae*. Lausannae: Sumptibus Marci-Michael Bousquet & Socior.
- Helvetius, J. A. (1691). *Lettre de M. Helvetius, Docteur en Médecine à Mr. Regis, sur la nature et la guérison du cancer*. Paris: Cusson.
- Helvetius, J. A. (1697). *Traité des pertes de sang de quelque espece qu`elles soient, avec leur remede specifique, nouvellement découvert par le sieur Helvtius Docteur en Médecine. Accompagné de la lettre sur la nature et la guerison du cancer*. Paris: Chez Laurent D´Houry.
- Helvétius, J. A. (1706). *Traité des pertes de sang de quelque espece qu`elles soient, avec leur remede specifique, nouvellement découvert par le sieur Helvtius Docteur en Médecine. Accompagné de la lettre sur la nature et la guerison du cancer*. Seconde Edition revû et augmentée. Paris: Chez Laurent D´Houry.
- Hilden, W. F. (1682). *Opera quae extant omnia*. Frankfurt.
- Houpeville, G. (1693). *La guérison du cancer au sein*. Rouen: veuve Louis Behourt.

- Lemos, M. (1909). *Zacuto Lusitano: a sua vida e a sua obra*. Porto: Eduardo Tavares Martins.
- Lemos, M. (1991 [1899, 1º ed.]). *História da Medicina em Portugal. Doutrinas e instituições* (Vol. II). Lisboa: Publicações Dom Quixote/Ordem dos Médicos.
- Lima, A. P. (1949). As boticas do Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira (fim do Séc. XVIII). *Sep. dos Anais da Faculdade de Farmácia do Porto. Vol. IX*.
- Lima, M. G. (1756). *O Practicante do Hospital Convencido. Dialogo chirurgico sobre a inflamação*. Porto: Na Offic. Episcopal do Capitão Manoel Pedroso Coimbra.
- Lima, M. G. [1752]. *Reflexeons Criticas sobre os Escriitores Cirurgicos de Portugal... Reflexam 1 que comprehende o Universal, e parte do Livro Primeiro de Antonio Ferreira Lisbonense, Recitado publicamente na Real Academia Medico-Portopolitana Por seu secretario...*, Salamanca, Off. Eugenio Garcia Honorato, e S. Miguel Impressor de la Universidad.
- Lourenço, A. G. (1780). *Cirurgia Clássica, Lusitana, Anatomica, Farmaceutica, Medica*. Lisboa: Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.
- Martins, M. T. E. P. (2005). *A Censura Literária em Portugal nos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Mattos, M. S. (1788). *Bibliotheca elementar chirurgico-anatomica; ou Compendio historico-critico, e chronologico sobre a Cirurgia e Anatomia em geral, que contém os seus principios, incrementos e ultimo estado, assim em Portugal, como nas mais partes cultas do Mundo...* Porto: na Officina de António Alvarez Ribeiro.
- Michaud, M. (1857). *Biographie Universelle Ancienne et Moderne* (T. 19). Paris: Chez Madame C. Desplaces.
- Mira, M. F. (1947). *História da medicina portuguesa*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade.
- Monravá y Roca, A. (1739). *Breve curso de nueva cirurgia. Lisboa Occidental, 1725; idem – Operações apostémicas e cirúrgicas*. Lisboa Occidental.
- Moura, J. F. (1713). *Sintagma cirúrgico teórico-prático de João de Vigo, traduzido do latim em português, e acrescentado com um tratado (...)*. Lisboa.
- Nóbrega, A. (1741). *Methodo facilimo e experimental, Para curar a maligna enfermidade do cancro assim no Que pertence á Applicação dos Remédios, como á Execução Operatória, conforme o uso de hum insigne Operário de Naçam Francez, com huma especialissima receita para curar Escrophulas, ou Alporcas*. Lisboa Occidental: na Officina de Antonio Correa Lemos.
- Paiva, M. J. H. (1804 [1786, 1º ed.]). *Instituições de Cirurgia. Theorica e practica* (T. I)I. Lisboa: na Officina de António Rodrigues Galhardo.

- Pereira, M. G. (1721). *Cirurgia metódica e química reformada. Traduzido do castelhano*. Lisboa Occidental.
- Portugal, A. R. (1786). *Novo systema dos tumores, no qual estas doenças se reduzem em seus géneros e espécies, por José Jacob Plenck, etc. Traduzido do latim. Primeira Parte*. Porto: na Officina de Antonio Alvares.
- Santos, F. D. V. (2001). Contributo para o estudo dos cirurgiões no Porto. *Revista da Faculdade de Letras. HISTÓRIA. Porto, IIIª Série, vol. 2*, 145-165.
- Santos, S. C. (1925). *A Escola de Cirurgia do Hospital Real de Todos os Santos. 1565-1775*. Lisboa: Faculdade de Medicina de Lisboa.
- Santucci, B. (1739). *Anatomia do corpo humano, recopilada com doutrinas Medicas, Chemicas, Filosoficas, Mathematicas, com Indices e Estampas, representantes todas as partes do corpo humano*. Lisboa Occidental: Na Officina de Antonio Pedroso Galram.
- Sarmento, J. C. (1744). *Tratado das Operaçoens de Cirurgia com as figuras, e descripção dos instrumentos, de que nellas se faz uzo, e huma introdução sobre a natureza, e methodo de tratar as feridas, abcessos, e chagas; traduzido de Inglez de Monsieur Samuel Sharp Cirurgião do Hospital de Guy em Londres, e acrescentado pelo traductor com huma Materia Chirurgica, ou todas as composiçoens, e remedios da presente Pratica de Cirurgioens de Inglaterra, e as couzas mais principaes, e precisas na Cirurgia*. Londres.
- Scultetus, J. (1655). *Armamentarium Chirurgicum*. Ulm: B. Kühnen.
- Serrano, J. A. (1895-1897). *Tratado de osteologia humana. Morphologia. Phylogia. Ontogenia. Precedido de noticia documentada e critica dos professores de anatomia que exerceram em Lisboa desde o século XV até à actualidade (2 vols.)*, Lisboa: Academia Real das Sciencias.
- Silva, I. F. da (1858). *Diccionario Bibliographico Portuguez (Tomo I)*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Sousa, J. (1791). *Systema ou colleccao dos regimentos reaes (Tomo 6)*. Lisboa: Officina de Francisco Borges de Sousa.
- Sousa, S. de (1725). *Luz de Comadres, ou Parteyras. Breve Tratado de como se deve acodir aos partos perigosos, e o que devem fazer as mulheres pejadas para terem bons partos, e como se hão de tratar, e pensar as crianças, e como hão de curar a madre quando sae fóra, ou aboca, publicada por Sebastião de Sousa, e á sua custa*. Lisboa Occidental: na Officina de Pedro Ferreyra.
- Sprengel, K. (1820). *Histoire de la Médecine, depuis son origine jusq`audix-neuvième siècle, par Kurt Sprengel*. Traduite de l`allemand sur la seconde édition, par A. J. L. Jourdan. T. 8. Paris: Chez Béchet.

- Tavares, P. V. B. (1988). Experimentalismo, iluminismo e fisiocratismo na obra de um cirurgião moderno. Evocando Lima Bezerra (1727-1806). *Revista da Faculdade de Letras do Porto. Línguas e Literaturas. Porto, IIª Série, vol. 5*, 517-545.
- Tavares, P. V. B. (2008). Manuel Gomes de Lima Bezerra: o discurso ilustrado pela dignificação da cirurgia. *Península. Revista de Estudos Ibéricos. Nº 5*, 83-91.
- Vidigal, A. M. (1781). *Descrição das Enfermidades dos Exercitos por Van-Switen, traduzido em português*. Lisboa: Typographia Rollandiana.
- Vigier, J. (1768 [1715, 1º Ed.]). *Cirurgia anatomica, & completa por perguntas, e respostas: que contém os seus principios, a osteologia, a myologia, os tumores, as chagas, as feridas simples, e compostas, as de armas de fogo, o modo de curar o morbo gallico, e scorbuto, e a applicação das ataduras, e aparelhos, as fracturas, dislocações, e todas as operações cirurgicas: o modo de fazer a panacèa mercurial, e de compôr os remedios mais usados na cirurgia*. Lisboa: Na officina da viuva de Ignacio Nog. Xisto.
- Walker, T. D. (2004). O papel e as práticas dos *curandeiros* e *saludadores* na sociedade portuguesa no início da idade moderna. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Vol. 11 (suplem. 1)*, 223-237.

Anexo 1:

METHODO
FACILIMO
E
EXPERIMENTAL,

Para curar a maligna enfermidade do cancro, assim

no que pertence á applicaçam dos remédios,

como á execuçam operatoria ; conforme o

uso de hum insigne Operário de Na-

çam Francez, com huma especialis

sima receita para curar Es-

crophulas, ou Alporcas.

DEDICADO AO SENHOR FRANCISCO TEIXEIRA

Torres,

Medico da Camera de Sua Magestade, e *Cirurgi-*

Am môr neste Reyno de Portugal.

Dado á luz por hum amante do bem commum.

LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina de ANTONIO CORREA LEMOS

Com todas as licenças necessarias.

1741

AO LITERATISSIMO, E
ERUDITISSIMO SENHOR
FRANCISCOTEIXEIRA TORRES,

Medico da Camera de Sua Magestade, e
Cirurgiam môr neste Reyno de Portugal.

A quem senam a V.M. Eruditissimo Senhor, deviam as folhas deste quaderno encaminhar em hum continuo gyro os caracteres, com que se rubricam: porque sendo o Sol da Delfica Sciencia, só para a fua pessoa deviams ser os gyros de huma flor, cortada dos jardins de Esculapio a impulsos da minha curiosidade; porque flor, que deve o ser ao Sol, de quem nasceo fecunda, bem he que assidua o gyre em gratificaçam dos influxos, que a constituiram agigantada.

De toda a excogitavel Sciencia he Apollo venerado numen: porque tantos sam os rayos, que espalha, como as Sciencias, que incluye: e por isso da Chirurgica faculdade tem luzidos resplendores, em quanto parte da Apollinea Sciencia, de quem se apellida inventor perito.

Inventum Medicinæ meum est, opifex, que per orbem.

Huma das grandezas deste Planeta he presidir no Emispherio das luzes como Monarca do dia: Luminare maius, ut præesset diei; e quem he, o que preside no claro dia desta sciencia neste nosso Reyno Lusitano como luminar maior, e em scientificos resplendores, senam a agudissima perspicacia do seu relevante engenho? E ficando desta sorte conhecido por Sol tam veloz na intelligencia desta profissam, que em hum instante gyra o dilatado Orbe de huma tam vasta faculdade, como nam havia ser este tratado hum girassol dos seus passos, a quem dirigissem o seu cursivo movimento, para serem multiplicaveis os seus progressos.

Quanto os sugeitos mais se avantajam em merecimentos, tanto mais dignos sam de se lhe offerecerem tributos; e sendo tantos, os de que se adorna a sua pessoa, como os rayos desse brilhante Planeta, com quem se emparelha luzido, que bem se póde dizer, o que a outro proposito canta Virgilio.

Non mihi si centum linguæ sint, oraque centum Ferrea vox.

Porque nem vozes multiplicadas a centos, nem linguas igualmente repetidas, articulando vozes mais robustas, que o ferro sam bastantes para numerar os seus meritos, só a sua pessoa he digno emprego dos mayores tributos.

Esta he a razam, que me obriga ofrecer lhe semelhante tratado, que supposto o considero em vultu tenue, nam o dedico pelo corpulento, sim por ser flor, que tirei dos parques de Esculapio, com

propriedades salutíferas aos dezauciados ja de todo, e levando-os ao Sereno Ceo da melhor saude: e por esta cauza o julgo digno, nam pelo limitado dos accidentes, sim pela utilidade da substancia; nam pela impolida forma, sim pelo precizo da materia; nam pelas poucas folhas, de que fe compoem esta flor, fim pelo muito fructo, que encerra.

Por tanto, meritissimo Heroe, aceite V.M. este pequeno tributo, como offerta de animo curioso, e nam de huma vontade interessada. Razam porque me nam especifico demonstrandome: sendo que por esta cauza nam desmerecerá o seu applauzo; por fer dignissimo delle nam só a materia, de que se trata, mas a formalidade, com que se opéra: e com o seu beneplácito se fará tambem plauzível aos professores, e curiosos, gustozo o meu trabalho, e a minha curiosidade satisfeita.

De Vm

O mais affectuoso, venerador

A. N.

PRÓLOGO

Benevolo leitor, occupada a minha curiosidade sempre em adquirir novas noticias, assim por meyo de conversações de homens, Doutos como pela liçam de livros eruditos, de huma, e outra diligencia entre a vastidam, das que tenho lido, e ouvido praticar, alcancei esta, que me pareceu precizo manifestala ao publico; sem mais interece, que a universal utilidade.

Nam a considero mayor, nem de mais atenta ponderaçam, que a conservaçam da vida, e a restauraçam da saude, tanto mais estimavel, quanto mais proxima ao perigo da sua total ruina,

Muitas sam as enfermidades, que nos põem neste miseravel estado; porém para todas tem descuberto tezouros de remedios especificos a Esculapia sciencia, como vemos nos efeitos de admiraveis curas, só a do Cancro a julgam tam pernicioza, que quazi a dam por incuravel, e nunca admiramos progressos nas suas operações com commurn sentimento, dos que o padecem, perecendo quazi todos á violencia da sua malignidade. À cura pois deste tam cruel, e sensivel mal se dirige a noticia, que escrevo, e parece-me nam póde ser nem mais util, nem mais proveitoza para o commurn, e era bem fundado o escrupulo de deixala encuberta, sem a fazer patente.

Em hum breve tratado te proporei primeiramente como noticia prévia o methodo, com que debes conhecer o Cancro desde a sua origem, mas compilado por fer mais breve, e depois o modo operativo da cura conforme o vi praticar, aquem sempre com infalivel sucesso o tinha executado.

Nam quero de ti mais, doque nam desprezes este meu pequeno trabalho, que he mais proveito teu, que utilidade minha; e está certo, que se operares conforme os seguintes dictames, seram milagroz as curas, e os sucessos infalíveis. [vale.]

*NOTICIA PREVIA ORDENADA
ao conhecimento do Cancro desde a
sua origem até seu fim.*

E o Cancro huma enfermidade tam féra, que á violência de sua fúria parece impossivel escapar, o que por infortunio cahio em suas garras, podendo-se supor infeliz na possessam de tam deshumano mal. He num ardiloso veneno, que entrando com suavidade a nascer, acaba com rigor a maltratar; e de sorte, que se nam contenta, sem que devore a mais preciosa prenda da saude, e por conseguinte, sem que roube a mais estimavel joya da vida. As armas, com que executa esta atrocidade, (instrumentos dignos da sua natureza) ponderaremos; como tambem se mostrará o modo apto á resistencia de tam poderoso inimigo: mas ja que nam se póde debellar sem conhecer o contendor, daremos seis sinaes diagnosticos precisos para intelligencia do seu principio, nascimento, e consistencia, paraque melhor se acerte em destruir este tirano usurpador da vida humana.

O primeiro final respeita a sua figura. He esta no seu principio hum tumor, que nam excede em grandeza a huma pequena ervilha, nem se diversifica na formatura, por ser com ella igualmente globatica.

O segundo assenta na persistencia, que na sobredita figura ja explicada costuma fazer hum iniciado Cancro, a qual succede de ordinario por hum longo espaço de tempo, que por nam ter certeza, se nam determina.

Ordena-se o terceiro a examinar o augmento, e os progressos, que este costuma fazer no decurso do tempo; porque commummente fazendo termo de tal maneira engrossa, e cresce, que chega a grandeza quasi monstroza, e medonha.

Deve-se tambem observar em quarto lugar, que ao mesmo passo, que crescem estes tumores, ou Cancros, se augmentam rigorozas as dores; porque as que ao principio eram suportaveis, e sofriveis passam pela violência a serem dezesperadas.

E porisso [sic] também observareis, que nam podendo os doentes deste mal com o rigor daquellas dores, se vem obrigados a usar de remedios vários, e diversos; ainda que com infelicidade de nam encontrarem, nem experimentarem alivio; antes se lhe augmenta com tanto excesso o seu tormento, que cresce á medida, que se vay avultando o tumor Cancroso, fazendo em hum so mez mais avantajados progressos, do que tinha feito em hum anno. Succede muitas vezes abrirse formando huma ulcera, ou chaga a mais horrível, e horrenda, que caufa nos doentes tam crueis dores, que parecem delgados, mas fortissimos cordeis, que atados sam tirados, e estendidos com o impulso mais violento; sendo cada preciso movimento hum martyrio o mais insofrivel.

Observareis ultimamente, que neste lastimozo estado se determinam aos remedios os mais violentos, consultando aos mais eruditos Artistas, a quem compete a Sciencia, que tem por objecto semelhantes operações; porém vendo estes hum aspecto tam monstrozo, de ordinario o decidem por incuravel, descahidos de animo á vista de hum spectaculo tam horroroso; e só cuidam em porem alguns sustentaculos á vida, evitando toda a operaçam por medo, de que nam feneça mais depressa o

doente na execuçam operatoria, usando de alguns leves, e muyto brandos purgantes, muitas vezes repetidos banhos, leites, e outros semelhantes. Mas porque succede muitas vezes darem semelhantes molestias em sugeitos impacientes, e querendo experimentar o ultimo remedio, instam pela sua execuçam, acontece, que encontrando alguns Cirurgiões mais temerarios, emprendem intrepidos, e arrojados, sem preverem perigos quasi incertos a sua amputaçam; que fe per accidens [sic] se nam segue o obito do paciente enfermo, resulta, nam sem pequeno espanto do operante, tornar com os espaços do tempo a aparecer no mesmo lugar outra vez crescido hum Cancro, qual medonha Hydra. Isto he, o que commumente se observa para o inteiro conhecimento deste mal, este he o modo de o conhecer no seu principio, no seu progresso e na sua consistência; começando tam dissimulado na sua origem, para chegar a ser tam maligno, quando ja perfeito, e consumado.

Conhecido assim o Cancro, em quanto objectivo á potencia visiva [sic], ou em quanto á apparencia externa, devemos entrar a explorar a sua radical origem, e intrinsicco nascimento. Conforme o commum systema, tem o Cancro por principio huma corrupçam da massa do sangue, e esta dizem ser toda a causa destes Cancrozozos tumores; porém he tam falso este fundamento, que facilmente se destroe, e sem muito trabalho se convencem os seus patronos; porque entam seria este fundamento verdadeiro, quando pela amputaçam bem operada nam ficasse integramente sam o enfermo; e como assim seja, que bem executada esta operaçam, fica de todo curado o doente, logo nam consiste na corrupçam do sangue, ou da sua massa, o prizcipio [sic] radical do Cancro, ou a origem fundamental deste tumor.

Nem obsta dizer-se, que cortado o Cancro, torna pelo decurso do tempo a renascer no mesmo sitio, sendo sinal evidente, de que na massa do sangue está toda a malicia; pois a nam ser assim, cessaria o mal pro semper amputado, e extincto este tumor: porque

Torna a renascer novamente o Cancro, nam por consistir na massa do sangue a sua origem, e malignidade, mas fim na mâ [sic] operaçam do Artifice pouco perito, e experimentado, nam a fazendo perfeita; e se se mostrasse hum sem numero de exemplos dos muitos, que sarárarn amputados os Cancros, dificultozamente defenderiam o seu systema, e facilmente vacilariam na fua resoluçam.

Refutada pois esta por nada firme, e absolutamente falsa, digo, que toda a causa originaria, e radical do Cancro, consiste em huma coagulaçam de alguma porçam minima de humor embebido em alguma glandula nesta, ou naquella parte do corpo: o que suposto.

Deve-se advertir, que se póde fazer esta coagulaçam, ou pela disposiçam só de dous humores, que se encontram, ou por algum exterior accidente, que costuma ser a causa mais ordinária, e commua: e he tam certa esta verdade, que perguntada a mayor parte dos affectos deste mal, poucos seram, os que se nam lembrem, ou de terem recebido alguma pancada naquella parte, em que o mal está formado; de terem dado alguma queda, ou feito alguma força, ou de outros semelhantes dezastres. Verdade he, que esta queda, força &c. foy entam para elles de tam pouca consideraçam, e apreço, que absolutamente nella nam reflectiram; mas isto nam obstante, este he o principio fundamental da molestia, que os penaliza; porque todos sabem, que basta huma pequena porçam de humor substado, ou extravazado, e huma pequena glandula entumescida, e outras semelhantes

cousas, ainda ao parecer muy desprezíveis, para formarem huma coagulaçam, e constituirem hum tumor.

Segundo: Que o estar este tumor por prolongado tempo em hum rnesmo ser, sem crescer, nem augmentarse, he, porque o humor, que causa esta coagulaçam, ordinariamente tem huma natureza forte, espessa, fria, e grosseira.

Terceiro: Que a razam, pela qual andando o tempo tanto se avulta na grandeza o Cancro, vem a ser, porque ao mesmo passo, que o tempo corre, vayse juntando tanta quantidade do rnesmo humor para aquella parte, que nam cabendo ja no ambito do tumor, ou da tal glandula, se vay esta dilatando pouco a pouco, comprimida pela grande abundancia delle, até fazer grande vulto.

Quarto: Que o motivo de crescer a dôr ao mesmo tempo, que o tumor se augmenta, nam he outro mais, que a compressam, que padecem os ramos das vêas, e arterias, que atravessam, e passam o tumor, de que talamos; e nasce de serem também comprimidos os musculos, e nervos, que igualmente passam, e atravessam o mesmo tumor, excitando pelas suas pulsações aquelles enlaçamentos das dores, que se sentem mais, ou menos cruéis, segundo a mais, ou menos crescida opressam.

Quinto: Acontecer algumas vezes receber o mal mais vigores com os remedios, em lugar de se minorar com a sua applicaçam, e diminuir com as suas virtudes, he, porque quasi todos os medicamentos, que se costumam aplicar a esta molestia, sam calidos, e porisso [sic] altéram, e calidificam mais aquelle humor incluso na glandula, de que se forma o tumor Cancroso; e o rarefaz, de maneira, que estando fupító [sic] por todo o tempo, que nam tinha sido irritado, se poem em movimento tam forte (effeito dos remédios) que causa mais augmentos no mal, contra o intento de extinguillo, e o designio de extirpallo.

Os remedios, que ordinariamente se applicam, ou sam para desfazer, e resolver o Cancro, o que he absolutamente impossivel, como se vê claramente movendo-o depois de consumido; pois se alcança por esta experiencia ser huma materia dura, espessa, e scirrosas; ou sam causticos violentos ordenados a dissipalo; e neste cazo facil cousa he o perceber, como seram mais excessivas as dores, e mais sensiveis; e sucede nam poucas vezes, que a fervescencia producta por semelhantes remedios, faz com que o fermento se estenda, ocupando mais largo espaço do que antes: e nam podendo verse circumclauso na glandula, a rompe formando huma horrivel ulcera, e entam se apellida Cancro aberto, do qual o fermento se communica pelo tempo ás partes misticas, e mais contiguas.

Segue-se também em algumas ocasiões com semelhantes perigos, que narm se abrindo na superficie, e sem fazer ulcera, que apareça aos olhos, irritado este humor pelos remedios, o sangue, que atravessa por diversos, e pequenos vasos, se entranha com as partes daquelle fermento cercando todo o tumor, o que antes nam fazia; pois nam tinha sido irritado, como se vê na mordedura da Serpente, que só envenena quando perseguida, e exasperada: de sorte, que pela repetencia dos irritantes chega a transformar-se em productos horrorosos spectaculos com lastimozissimos effeitos, tam deploraveis ao sensivel, como impossiveis ao sanavel.

Daqui provêm, que esta enfermidade se nominasse Cancro, derivada do latino vocabulo *Cancer*, pela semelhança grande, que tem com o Caranguejo, aílím no feu regresso, como porque dificultosamente se desagarra do pobre enfermo. Se já nam he pelas muitas linhas, que no circuito do tumor se acham dispersas, ou pelas muitas raízes, com que o enlaça, que sam os pequenos ramos dos nervos, que se acham oprimidos em todas as glandulas da sua circumferencia, por onde se transfundio o fermento, sem que tenham livre o seu movimento, tendo em sujeiçam toda aquella parte.

Notarás ultimamente, que neste estado se nam póde curar o Cancro, senam pela extirpaçam da parte; ainda que nam deixa de suceder tornar depois de executada esta operaçam a reviver o mesmo Cancro, nam obstante ter-se executado a dita operaçam com aparência de bem sucedida, e a razam vem a ser; porque os remedios atenuantes, e cauterizantes nam podem destruir, nem tem vigor para desfazer numa massa de huma qualidade tam endurecida, como já vimos; e nestes termos o que se hade fazer, he tirar todo o fermento por meyo da amputaçam. Quando se puzer esta operaçam em praxe, se hade atender, a que nam fique alguma parte do fermento depois de executada a operaçam; que ficando a minima parte delle naquelle sitio, tam longe está de ficar o enfermo sam perfeitamente, que dentro em breve tempo se verá outra vez possuido do mesmo mal, sem que deste trabalho se tirasse mais fructo, que hum imperfeito successo, e diverso intento do operante.

Estas sam as razões naturaes do que se deve observar em hum Cancro, assim em quanto ao seu extrinseco principio, ou ao seu aparente nascimento, como á fua radical origem. Segue-se agora mostrarmos methodo da operaçam em ordem á bem sucedida cura deste tam perneciozo mal.

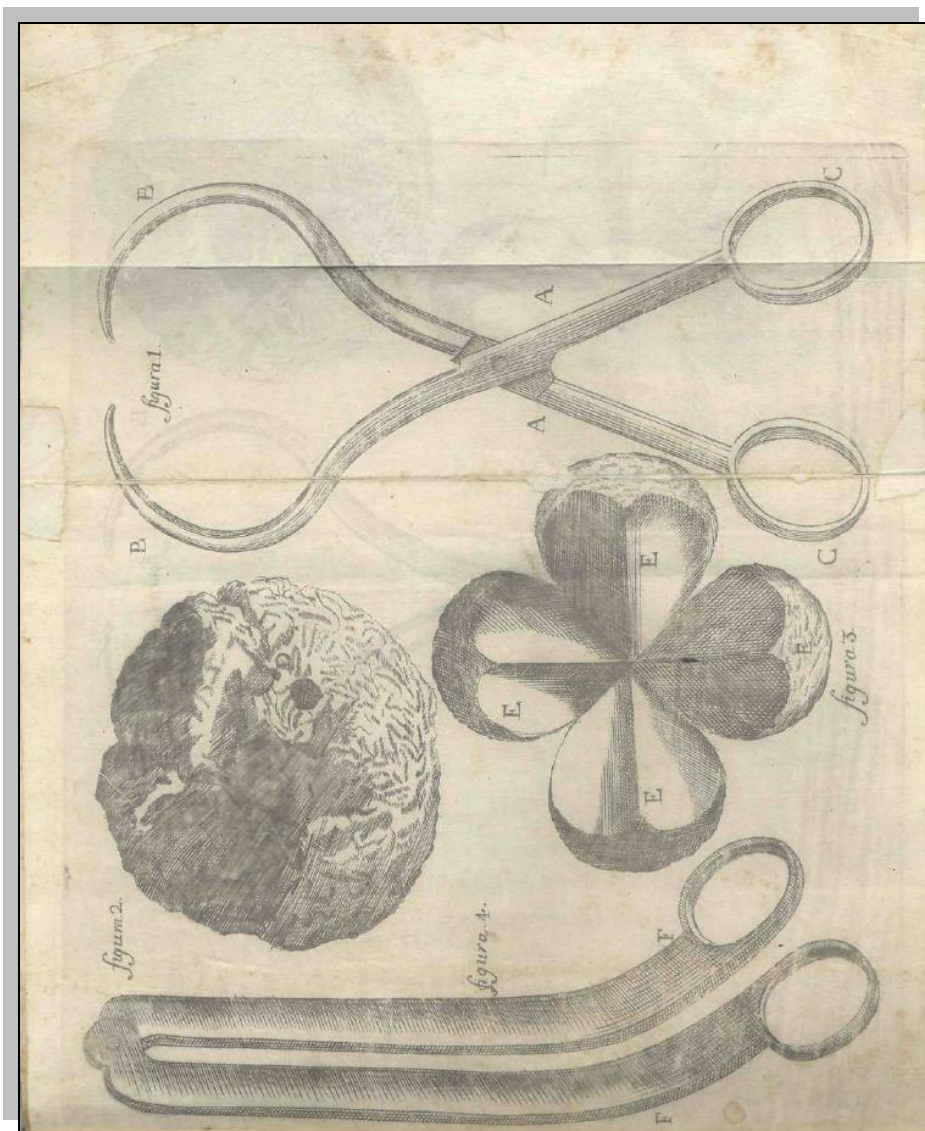
*Methodo curativo do Cancro conforme o uso do mais
perito Operario*

ANTES que entremos ao titulo sobredito, he preciso darmos huma anterior noticia em ordem ao conhecimento da possibilidade, ou impossibilidade da cura cancroza; porque nam he justo, que conhecida a ineficacia dos remedios, por conta do estado da molestia, se augmentem ao enfermoos martyrios, e se lhe faça dispender infructuoso o seu dinheiro, para o que vos farei três advertencias.

Primeira: Que o Cancro ao principio he cousa de tam pouca considraçam pro ipsosítatu, que a nam pode haver mais facil de se curar, ou seja resolvendo a quella pequena porçam de humor, que ainda nam está perfeitamente coagulado, ou seja consumido pela virtude de algum remédio caustico sobre elle posto, e aplicado.

Segunda: Que quando este humor inteiramente se endureceo, e que o tumor se vay cada vez engrossando mais pela conjunçam de outro humor, que incessantemente se vem unir, e coagular com o primeiro, hade haver vigilante cautella fogindo de aplicar remedios irritantes; porque nam suceda, que se ponha este humor em tal movimento, que se espalhe, e disperse mais o seu fermento: o que se deve fazer neste caso, he rasgar a pelle no lugar, em que está o tumor, e extirpar a glandula, que

o contém; pois por este caminho se evita ao mesmo tempo o mal, e a causa delle, para desta sorte se expellir absoluta, e radicalmente.



Terceira: Quando por negligencia do doente, ou por culpa do Cirurgiam chega o mal a tal estado, que por si mesmo se abrio o Cancro, e se espalhou o fermento a partes mais circumvizinhas augmentando-fe, e crescendo as dores, como se com delgados cordeis fosse fortemente apertada aquella parte assim maltratada em tam cruel molestia, ainda pode haver hum caso, em que possa ser curado, nam obstante este excesso, no qual se nam deve perder tempo; mas tanto que isto succeder, se fará logo a amputaçam de toda a parte cancrofa, como por exemplo: se está no peyto, se hade cortar inteiramente esta parte, porque entam de hum só golpe se pode levar tudo, o que ha de fermento, e tudo, o que por elle está imbebido; e por pouca demora, q haja nesta operaçam, chegando o mal a este estado, corre o risco de se introduzir o fermento pelo sangue, passando de

glandula a glandula, com tal dezordem, que chega a tal termo, em que nam pode haver meyo algum de o reparar, nam obstante a efficacia mais empenhada.

Eu me explico: se o fermento do Cancro chegou a infectar os músculos peytoraes, e unirse nos musculos, ou glandulas junto ás costellas, fica incurável neste cazo, porque com instrumento algum se nam podem tirar estas glandulas, porque se nam hamde tirar as costellas. Isto he o que quer dizer estar o Cancro adherente ás costellas, suposto seja este modo de falar improprio; pois nunca se dá esta adherencia ás costellas, mas sim ás glandulas dos musculos, que as cobrem, e revestem; porém ou se explique, ou se expresse de outra maneira, sempre, emquanto ao effeito, he a mesma dificuldade; porque o mal neste estado he absolutamente incurável, ou para falar com mais circumspecçam, nam ha até o prefente remédio descoberto para esta cura, suposto o mal neste estado.

Suposto isto, vejamos reduzida a pratica esta theorica, conforme o executou hum dos mais famosos Cirurgiões, em huma cura, que lhe vi explanada. Teve este huma mulher affecta deste mal na idade de quarenta, e seis annos na Cidade de Logton, Provincia de Herefort, distante vinte e cinco legoas de Londres, tendo collocado o Cancro no ceyo, vindo neste conhecimento no anno de 1690 quando resolvendo-se a passar o mar, e ir para França, assaltando-a alguns vomitos com mais alguma violencia, sentio huma dôr no peito da parte direita.

Esta nam foy passageira; porque continuando a obrigou a examinar a parte, em que a dor a atormentava, achando huma grossura nam muito avultada; mas assas dura, e dolorosa, que sempre se lhe augmentou cada vez mais.

Vendo-se neste estado, diz este perito Artista, que o consultára esta mulher, assistente entam em Pariz, e que examinando o sitio lhe achara hum tumor da grossura de huma noz, sentindo nelle huma excessiva dor: e entrando a fazerlhe varias perguntas achou, que hum mez antes de partir tinha dado huma grande pancada na chave de huma porta, sem que nisso por entam fizesse o minimo reparo. Quiz, que a vissem dous peritos, e famigerados professores da sua arte, e resolvendo em sua presença ser Cancro aquelle tumor, decidio, que o remedio em tal caso era a extirpaçam, da forma que a havia executar, e depois se explicará. Assentáram todos no parecer: mas a doente formando horrorosa idéa desta operaçam, e faltando-lhe o animo para suportar a imaginada carniceria de instrumentos, nunca se resolveu á cura, querendo primeiro tentar alguns caminhos mais suaves, e menos insofriveis; como sam os emplastros, cataplasmas &c. Nam faltaram Cirurgiões, que satisfazendo o seu gosto lhe fizessem a vontade, mas sem effeito depois de seis mezes de curativo: antes sempre crescia o tumor com mais excesso até chegar a fazer a figura de hum punho, e as dores ao galarim, nam a deixando quietar de dia, nem descançar de noyte; com tam espantoza exasperaçam, que logo o mandou chamar com toda a instancia, já depois quando alterada a pelle aparecia inflamada de tal maneira, que se temia viesse por instantes a abrir-se o Cancro em alguma horrenda ulcera. Chegou, e tornando a examinar o caso

com todo o cuidado, e atençam, achou que o Cancro, posto que estava proximo a abrir-se, com tudo ainda nam estava adherendo, conforme a com mua locuçam (isto he) nam estava ainda

communicado ás partes misticas o seu pestifero fermento, o que conheceu facilmente. Vendo, que quando movia

o tumor, se movia igualmente o humor contido nelle a huma, e outra parte, sem a menor prizam, ou adherencia.

Determinou-se com este fundamento a pôr em praxe a operaçam a rogos da paciente, e a impulsos da sua sciencia, que lhe dava certeza do bom effeito da cura. Assistiram a ella mais de quarenta Médicos, e Cirurgiões, todos os do Palácio Real, e dos Principes, e Grandes de França: pessoas todas peritissimas, para verem todos huma operaçam tam nova, e cheya de prodigios.

Esperavam hum spectaculo de crueldade em huma dilatada, e penoza operaçam, com gritos sendissimos, copioza effusam de sangue, mortais desmayos, e por ultimo a exhalaçam da vida da enferma na execuçam operatoria; instantaneamente porém, viram executada a operaçam, sem gritos, sem desmayos, e sem effusam de sangue, mais que duas tenuíssimas espadanas, facil, doce, leve, e promptamente.

Examináram depois a grossura enorme da massa, que que sahio de dentro, todos os professores, que estavam presentes, e alcançaram, que sendo tam dura, e espessa, e tam grande por dentro, como por fora, nam podiam os dissolventes da Medicina fazer effeito em hum corpo tam compacto como aquelle que conhecêram, que neste estado he nam só o mais seguro, o mais prompto, e o mais acomodado remedio a extirpaçam, mas ainda o unico, e o mais efficaz, que se póde praticar no melhor sucesso.

Depois de examinada assim aquella massa, e extirpado, como disse, o Cancro, palpáram com as suas próprias mãos, e tocaram com seus dedos os assistentes o lugar do Cancro, sem encontrarem, nem no fundo, nem no circuito cousa alguma cancroza: o que nam obstante achou-se, que o fermento contido no tumor tinha começado a corromper a perifória do peito sobre a parte superior, que fazia huma nodoa do tamanho de numa unha do dedo minimo. Veyo no conhecimento deste novo insulto, quando quiz pôr o primeiro aparelho, e por evitar á doente nova dôr, determinou esperar mais dias para lhe cortar nam tanto sobre o vivo a parte, em que tinha ficado aquella pequena porçam de humor: porém adivinhoulhe a natureza este designio; porque passados quatro dias, cahio per si mesmo o pedaço da pelle como couza gangrenada.

Como a cura hia em progressos tam avantajados, nam fe fez mais reflexam sobre aquelle sitio, a chaga estava limpa, a carne viva, de que aquella concavidade se enchia a pullos, sem que já mais fe descobrisse febre, nem fe manifestasse inflamaçam, e por isso se foy sempre continuando igualmente a mesma formalidade: mas apenas se dava isto por finalizado, quando apareceu huma pequena dureza precisamente no mesmo lugar, onde tinha cahido o pedaço da pelle como gangrenada: examinou esta dureza, achou-a acompanhada de inflamaçam, e de crueis dores, de que a doente muito se doia, e queixava, applicoulhe logo hum caustico, que inteiramente a consumio. Era hum pequeno resto do fermento cancrozo, que a nam ser consumido, faria outra vez renascer no mesmo sitio o Cancro, que absolutamente se nam tinha extinguido.

Daqui se prova com a experiencia a doutrina já dada, que quando se nam extingue inteiramente todo o fermento maligno do Cancro, huma só pequena porçã he bastante para causar nova, e igual molestia; porque esta limitada parte daquelle humor he de sobejo para imbuir as glandulas contiguas, e fermentando novamente cauzar igual monstruosidade.

Depois do tempo, em que o caustico fez aquelle effeito, ficou a doente inteiramente restituída á fua antiga dispoziçã, cessaram as dores, a cicatriz totalmente perfeita, e numa palavra ficou no mesmo estado, em que nam possuía o dito mal. Vista esta operaçã bem se mostra, que nam consiste na massa do sangue a malignidade do Cancro, mas fim no humor coagulado em alguma glandula por qualquer das cauzas apontadas. Todos sabem, que a arteria torachica rega sem cessar o peito, hum pequeno ramo desta arteria passava por cima do tumor, logo se consistisse no sangue, como se nam podia extinguir este ramo, nem a origem donde por elle emanava, ainda depois de feita assim a operaçã, tornando o sangue como cauza, sahiria outra vez o Cancro como effeito; e como assim fosse, que por virtude da extirpaçã, e do caustico, no novo infulto se extinguiu de todo o mal, logo só na coagulaçã, e nam no sangue confiste a raiz do Cancro: porque nem o sangue deixa de correr, nem o caustico lhe pode depurar a sua malignidade, o que só imaginado seria grande absurdo. Assim que esta he a verdadeira cauza, e estes os verdadeiros remedios: vejamos agora a diversidade, que se da entre a amputaçã, e extirpaçã.

A amputaçã he aquella, que leva toda a parte, em que está a glandula cancroza contida, v.g. Se está no peito, todo o peito, em que está colocada; e a extirpaçã separa somente a quella glandula sem levar a parte, em que esta se colloca. A amputaçã he necessaria, quando o fermento está disperso em toda a parte, e que he perigozo deixar alguns lugares delles imbuidos, e penetrados; e a extirpaçã basta, quando o fermento está ainda prezo, e fechado no tumor, ou que quando muito nam fez mais, que romper a pelle, como no cazo expellido: mas huma, e outra dessas operações he muyto facil, e das cirurgiacas as mais suaves, e ao mesmo tempo as mais importantes, necessarias, e as mais uteis, por ser hum tam cruel mal, ao qual, como a todos os mais, estamos sujeitos sem excepçã de pessoa.

Mas aquelles, que padecerem esta molestia, advirtam, que se nam deixem chegar a tal estado, que lhes seja a amputaçã precisa, por ser de si mais perigoza, e incurável, quando chega a ser adherente: mas nam se dando esta adherencia, feita huma, e outra operaçã conforme a doutrina, que vos dou, de ambas surtirám effeitos efficazes fundados na experiencia deste subtilissimo operario. Os instrumentos, de que usava nas suas operações, sam, os que se offerecem na estampa offerecida para melhor, e mais perceptivel intelligencia.

A figura I. representa a Tenaz, de que se hade uzar nas operações. He hum instrumento de ferro, do qual as pontas sam curvadas,

AA Sam as duas varas da Tenaz, ambas de igual grandeza, e comprimento.

BB Sam as duas pontas da Tenaz, que encruzam huma fobre outra, de tal sorte, que quando a Tenaz está fechada, sobre-poem huma a outra para fazer mais força, quando quizerem uzar delle. As

pernas desta Tenaz sam chatas em todo seu comprimento, mas nam sam feitas em modo, que cóрте. Começam mais largas, e vam diminuindo sempre até as pontas.

CC Sam as duas extremidades da Tenaz, ou os dous aneis, por onde se lhe pega na mesma forma, que numa ordinaria tizoura. O comprimento deste instrumento, a largura do aberto, que fica entre as duas pontas da Tenaz, que incruza, a quantidade do sobre-posto se hade regular pela proporçam do Cancro, que se quer extirpar, e melhor he, que fejam de grandeza, que sirvam para todos.

A figura II. representa o Cancro, que se extirpou na sua natural grandeza.

D He demonstrativo de huma pequena nodoa livida, que se acha dentro no Cancro.

A figura III. representa o Cancro cortado para ser visto, e maniado até o mais interior.

EEEE Sam os quatro angulos do Cancro, dos quaes, tanto a dureza exterior como interna, he semelhante, e surcoza.

FF A figura IV. representa [sic] outra tenaz, que serve principalmente para a amputaçam: as duas extremidades, comque [sic] se lhe pega como numa tizoura, sam hum pouco redondas, servem para abraçar mais facilmente o tumor fazendo passar por sima [sic] o verdugo.

Modo de fazer a operaçam

DE todas as operações chirurgicas esta he a mais fácil, e fuave. Preparando o enfermo antecedentemente com sangrias, e remédios purgantes, que se julgarem mais proprios á fua constituçam; no dia determinado para a cura hade, qualquer que seja o operante, tendo ja examinado o tumor conforme a noticia, que demos, medir a circumferencia do tumor, e em toda ella lançar hum risco de tinta, que fique bem sinalado, e depois nesta circumferencia lhe passará dous riscos em cruz para fazer a incisam crucial.

Esta se deve executar com hum verdugo, observando somente, que se nam hamde cortar senam os tegmentos, sem entrar pelo corpo glanduloso. Esta se deve fazer, separando do corpo glanduloso os quatro labios com o postemeiro, começando pelos dous lombos inferiores, para evitar o inconveniente, que sucede, quando se começa pelos superiores, como fazem muitos Cirurgiões faltos de aprehensam, que vem a ser; que começando pelos lombos superiores o mesmo fangue, que corre delles, tira a liberdade de poder fazer com mais expediçam as demais operações nos inferiores.

Estando assim os quatro lombos levantados, e a glandula cancroza inteiramente descuberta, deve-se abraçar esta com a Tenaz sobredita, cujas pontas entram dentro; e tendo o Cirurgiam totalmente fechada a Tenaz, move como lhe parece mais a proposito o corpo cancrozo para mover o postemeiro para todas as partes, que lhe parecerem necessarias, em ordem a separar o dito corpo cancrozo das partes saãs. Esta facilidade, que este infrumento dá ao operante para fazer todos os movimentos, que quer a este corpo, que assim tem abraçado, faz a operaçam mais prompta, e menos trabalhosa.

Depois, que o Cancro está desta maneira extirpado, nam resta mais, que tratar da chaga, de quem o primeiro aparelho hade ser de fios fecos, e pelo mais decurso do tempo se hade tratar como numa simples chaga até a sua perfeita cura. Deve-se porém advertir huma couza muito particular ao observar, e vem a ser: que no primeiro aparelho se hade aplicar hum guardanapo dobrado em quatro partes, molhado em cerveja mediocrementemente quente em que se terá feito fundir manteiga fresca; porque dessa maneira se evitam prodigiosamente as inflamações, que sobrevem de ordinario a operações semelhantes, entre outras infinidades de accidentes.

A mesma precauçam se observará nas amputações, quando estas sam necessarias.

Addicçam concernente ao Cancro

Para que nam fique nada por explicar, declararei agora o modo de fazer a amputaçam. Estas duas operações se fazem deiferentemente segundo os diferentes sucessos obrigam a estas operações. A extirpaçam se faz logo, que o tumor cancrozo nam está adherente á pelle; mas quando este tumor adhere, executa-se a amputaçam, e em huma, e outra hamde servir as mesmas Tenazes.

Se houver adherencia do Cancro com a pelle, e que o peito venha a ser todo Cancrozo, e intumescido, ou inteiramente, ou em parte, entam para se amputar se hade servir o operante da Tenaz FF, com a qual se abraça todo o tumor, ou seja grande, ou pequeno, ou ocupe todo o seyo, ou só parte delle. Depois desta diligencia se separa com os dedos do modo possivel entre o corpo, e a Tenaz toda a pelle, que está saã, e que nam he necessario tirar; porque desta maneira ficará sendo mais pequena a cicatriz.

Depois disto corta-se todo o tumor, que está entre o corpo, e a Tenaz com hum instrumento em forma de hum verdugo, que he necessario para a amputaçam; e como isto se faz com muita vivacidade, e para melhor dizer, em hum abrir, e fechar de olhos, quasi nam sentem os doentes a minima dôr, ou tormento, couza que parece incrível; mas feita com este methodo a cura, perguntado o doente dirá, que lhe pareceo, que lhe lançaram hum pucaro de agoa sobre as costas.

A chaga, que depois fica, nam he mais doloroza, que outra qualquer.

Porém se o tumor nam poder ser inteiramente abraçado pela Tenaz, por cauza de alguma adherencia ao musculo peitoral, neste cazo, como adverti, he mais duvidoza a cura; mas havendo fundamento para esperanças de melhora, se hade cortar tudo, ao que poder chegar a Tenaz a apanhar, e depois com os dedos buscar todas as durezas, que ficarem, e cortalas com a tizoura, da qual as pontas devem ser hum tanto levantadas.

He necessario advertir, que nesta operaçam he impossivel, que deixe de haver huma grande Hemorragie [sic]; porque nella se abrem as arterias, e porisso [sic] he necessario, quando se faz esta operaçam, ter remedios stipticos [sic], e fixantes muito prestes para se aplicarem: os mais universais, e conhecidos sam o bolo, as diferentes preparações de vitriolo &c. de que cada hum se serve á sua escolha ; mas o mais simples, e o mais excellente, que se póde aplicar, he o chamado crepitus lupi,

ou lycoperdo, que he huma especie de cucumélo [sic] do tamanho de huma noz, que suspende o sangue de modo admiravel sem cauzar dor, nem fazer ardor, como faz o vitriolo; razam, porque deve ser preferido, este remedio a todos os mais stipticos.

Quando se quizerem servir delle, se hade buscar o mais bem producto, e o mais grosso, cortaseha [sic] em miudos pedaços, e se aplicarám sobre as arterias, e vêas abertas; e vendo o Cirurgiam, que os vasos estam bastantemente cicatrizados, e que ja se podem tirar, nam tem mais, que banhar em huma pequena de agoa morna para os dezapegar; por que faz huma especie de liga com o sangue, a que se aplica, e depois a chaga se cura com os remedios indicados. O seguinte unguento he dos melhores, aindaa nos cazos últimos, em que falamos, quando o mal se nam podia vencer.

Unguento

Recipe, de oleo de Linhaça, de Petrolio, de cada hum tres onças, de oleo de Alambre, e de Espique, de cada hum duas onças, de Azeite, de oleo de Macella, e de Termentina, de cada hum huma onça, de Espirito de vinho duas onças, de Cera amarella seis onças, de Pez quatro onças.

Fundido o pez primeiro, se lhe ajuntam os oleos misturados com o espirito de vinho, e depois se põem tudo isto sobre hum brando fogo, revolvendo sempre a composiçam com luima pequena efpatula de pão, até que se reduza em forma emplastica.

Este Unguento he excellente para toda a sorte de chagas, o seu uzo he maravilhoso nos Cancros abertos, a inda nos cazos apontados, em que se nam podem amputar: he maravilhoso para resolver os tumores, e glandulas, que cauzam gangrena: he admiravel para todo o gênero de fluxões, para desterrar as dores do reumatismo, e da gota, estendido antes em pelle do que em panno de linho.

Até aqui tenho narrado succinta, e compiladamente todas as circunstancias assim prévias, como executivas do Cancro; nas quaes, segundo a minha limitada esphera, dei ao univerfal conhecimento alguma luz para proceder em facilitar o animo a nam ter obice, que se lhe oponha por invencivel; pois na similitudinaria execuçam sem discrepar hum apice do proposto sera certo o feliz sucesso, e infalivel o bom effeito. Segue-se agora dezempenharmos a segunda parte do primario titulo, dando noticia breve das escrophulas, e seus remedios, que nam sam menos infálveis, antes mais certos, que os predictos.

Noticia prévia, de que couza sejam Escrophulas, ou Alporcas

AS Alporcas, ou escrophulas sam tumores cauzados por huma limpha accida, a qual faz obstruções nas glandulas do pescoço, as engrossa, e endurece espissando [sic] a materia.

A vida sedentária, e ocioza pode contribuir á geraçam das escrophulas, porquanto nam se pondo o sangue em movimento pela aççam do corpo se faz espesso, o que he a cauza de nam passar

com facilidade nos pequenos ductos, o que faz obstruções, e impede a limpha sair das glandulas, e circular. Pela mesma cauza o ar espesso, grosso, frio, e os alimentos viscosos podem ocasionar as escrophulas.

As agoas das serras, que sam de ordinário frigidissimas, também as podem cauzar, pois esta frialdade põem o sangue em grandissimo descanço, e espessa a limpha.

Os sinais dellas sam evidentes: Quando tocando o pescoço se sentem vários tumores duros, e deziguaes, que nam sam outra couza mais, do que as glandulas tumefactas pela limpha. As que sam brancas, e sem dôr, sam as verdadeiras, e as que sam dolorozas, mordicantes, e lividas, sam falsas, ou bastardas.

As que sam grossas em grande numero, infiltradas nos vazos, dolorozas, e inflamadas, acompanhadas da pulsaçam das arterias, e dificuldade de respirar, fam dificultozissimas de curar, como também as cancrosas, e inveteradas, porquanto estam cheyas de grande quantidade de accidos.

As brandas, e pendentes, e que estam no principio, nam sam tam dificeis, porque a limpha nam está tam acre. Isto posto applicaremos agora hum remedio, ou particular receita, com que este asquerozo mal inteiramente se cure; e nam vi pessoa alguma, a quem fe applicasse, que nam surtisse maraviIhozo effeito, a qual serve também para os cancros, lobinhos, e leicenças.

Receita approvadissima para Alporcas, Cancros, Lobinhos e Leicenças

Tres arrateis de pez louro, tres arrateis de pez grego, seis vinteis de termentina, seis vinteis de incenso macho em pô, de erva moura, barbasco, marroyos, arroz do telhado, poejos, mentrastos, ortigas bravas, erva montanha, erva algar, de cada huma destas ervas huma mam cheya, e tudo bem pizado se poem a cozer em canada de vinagre forte com o sumo de meya duzia de limões azedos muito bem espremidos: depois de tudo bem cozido se espreme bem em hum panno de linho, e a agoa do dito cozimento se torna a pôr em hum vaso, ou tacho sobre o lume, e a hi se lhe juntam tres arrateis de cebo.de carneiro preto, o qual cebo se derrete á parte em fogo bando [sic], e se cõa primeira por hum panno de linho, do que se lance no dito tacho: depois de esfriar se fará a cura na forma seguinte.

Deste unguento se fará hum emplastro em panno novo, e se porá sobre a parte offendida, e em sima do unguento do mesmo emplastro se poem pouca quantidade de fermento feito de farinha de trigo amassado com huma pinga de azeite e se pulverizará com humas fevras de açafam torrado ao fogo, e desfeito com os dedos.

Adverte-se, que se a parte offendida tiver chaga, se curará duas vezes cada dia, e se alimpará, e se lhe fará lavatorio feito de huma mam cheya de marroyos, outra de barbasco, e outra de erva moura, e se nam houver esta erva, arroz do telhado em seu lugar.

Se nam houver chaga, se fará pondo hum parche, ou emplastinho do dito unguento em panno novo, e em sima do mesmo unguento se deita huma dedada de solimam em pô, e se deixa estar

quarenta, e oito horas sobre a parte encaroçada para abrir chaga, e depois della aberta se continua a cura na forma a sima dita.

Para tirar as nodoas, que ficam na parte depois de sarar, toma-se hum vintem de alvayade em pô, e duas claras de ovos, e mistura-se tudo junto, e depois lavam-se com isto as nodoas até se gastarem.

He preciso pôr ja o ultimo termo a esta parvula narraçam; pois nem o meu tenuissimo talento pode estender-se alem do que perceberam os ouvidos, como, quem nesta obra sô exerceu o mediato loquutivo [sic] ministerio de internuncio do author proprio, nem ficaria incensuravel, que em tam limitadissima obra excedendo a promessa de sucinto passasse a ser fastidioso. Assim que sô imploro aos peritos professores, que por estranha nam passe a desprezada, e relevem prudentes, o que nella acharem menos consoante ao seu genio, por serem de opiniam contraria; mas tendo para si ser este o mais perfeito modo de operar.